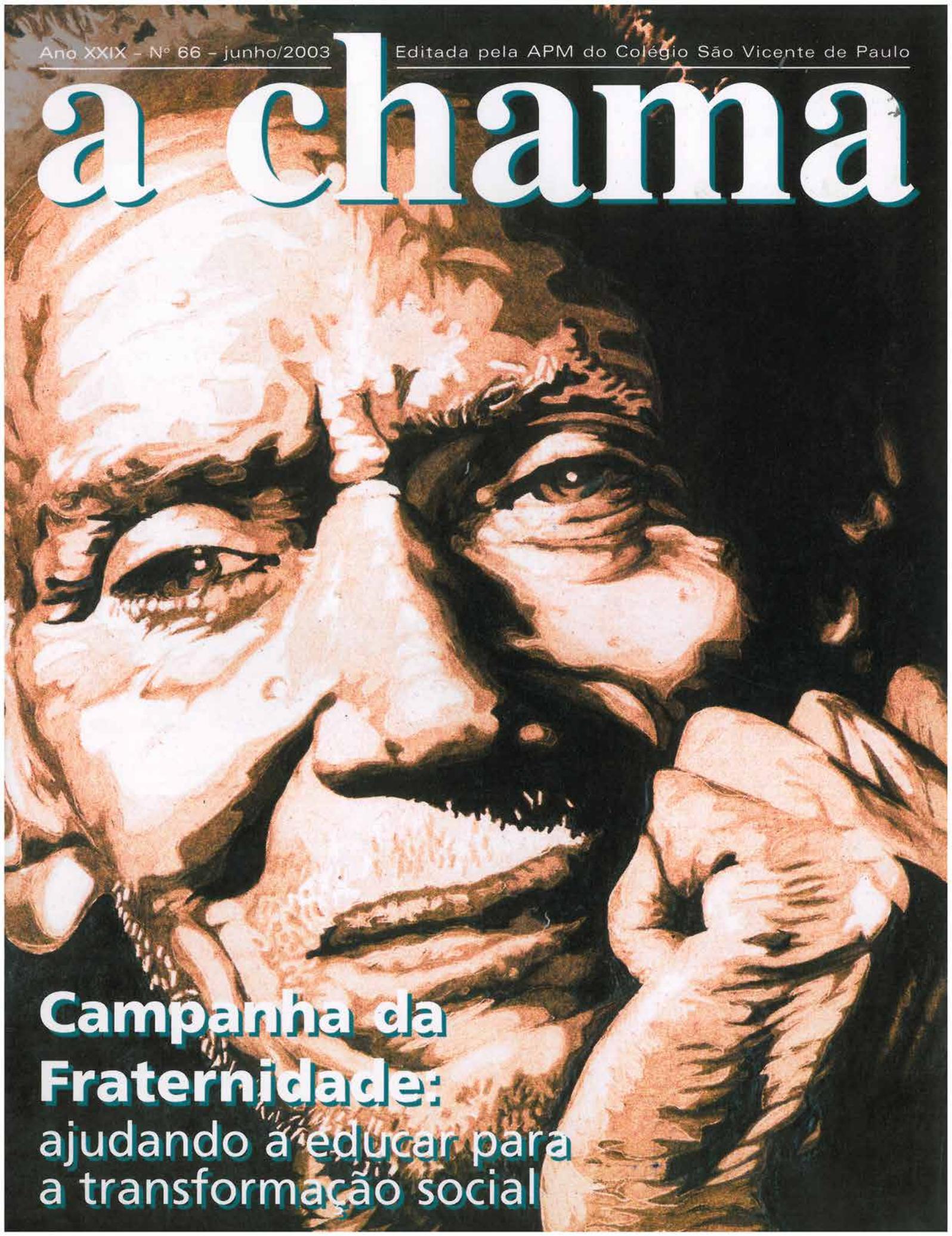


Ano XXIX - Nº 66 - junho/2003

Editada pela APM do Colégio São Vicente de Paulo

a chama



**Campanha da
Fraternidade:**
ajudando a educar para
a transformação social

SOB NOVA
ADMINISTRAÇÃO



TRABALHANDO EM
COMPASSO



MOSTRA DE FUTUROS
PROFISSIONAIS



CONTÁGIO DE
CARIDADE



DIVÓRCIO SEM
TRAUMAS



PEDAGOGIA DOS
VALORES



TEMPO DE
RECOMEÇAR



CANTO DE
ANIVERSÁRIO



EXPEDIENTE

a chama

Revista editada pela APM
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXIX – Nº 66
junho/2003

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 2556 0796 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e diretoria da APM
Coordenação Editorial: Marco Vinícius Bittencourt e João Afonso de M. Teixeira
Reportagens, redação, edição e revisão: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Concepção gráfica, ilustrações e editoração eletrônica: Iuri Lioi
Colaboração (fotos): Gilberto de Carvalho e Antônio Morais (Serviço Audiovisual / CSVP) e Pe. Lauro Palú
Capas: ilustrações de Iuri Lioi

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente: Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune
Casal Vice-Presidente: Marco Vinícius e Rosária Bittencourt
Casal Relações Públicas: João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira
Casal Tesoureiro: Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Taucei
Casal Secretário: Geraldo Guimarães e Cristina Andrade Mello
Casal Representante dos Professores: Cristina C. Vellaco e Gerson Vellaco Junior

Caros pais e amigos,

Dos frutos maduros colhem-se as sementes que, em seu âmago, preservam e perpetuam suas características e seu sabor. Nos vinhos, o tempo, a luz e a temperatura, numa trilogia assimétrica, aperfeiçoam o néctar das uvas.

As rochas, por mais sólidas que sejam, assumem traços de sua constante exposição às variações climáticas e guardam consigo histórias que só elas podem contar.

Nas pessoas, reproduzem-se as imagens, os sentimentos, as cores, os sabores, que, à semelhança de Deus, tudo podem e por assim trilhareem seus caminhos fazem-se diferentes, dóceis, amorosas, solidárias, comunicativas, fraternas e felizes.

É com a consciência de termos, todos, a chance e a oportunidade de vivermos nesta liberdade protegida e guiada pelos desígnios divinos que devemos fazer a leitura desses seres humanos, os quais conquistaram o limiar de suas vidas.

*Denise Braune,
presidente da APM*

SUMÁRIO

CAPA

Aprofundando valores, formando cidadãos 16

ESPECIAL

E agora, aonde vamos? 7

ENTREVISTA: Pe. Agnaldo

Boas vindas ao novo administrador 2

COMO SE FAZ

ComPasSo: um exemplo de trabalho em equipe 4

AÇÃO PEDAGÓGICA

Ser ou não ser, eis a questão 6

ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO

Muitas razões para comemorar 10

ESPAÇO APM

E o trabalho continua... 12

FÓRUM

Pais separados, filhos divididos 13

PERFIL: Pe. Maurício

De volta ao começo 20

ETC...

Uma década de boa música 22

Reprovação não é o fim do mundo 23

Gente nova no pedaço 24

Notas 26

EJA

Perspectivas e realidades 28

EX-ALUNOS

Os filhos que à casa voltam 29

FORMANDOS 30

CARTAS 32

Boas vindas ao

Pe. Agnaldo de Paula



Nem todos no São Vicente já puderam conhecê-lo, mas não vai faltar tempo para isso. Pais, alunos, professores, funcionários: ele quer entrar em contato com todos e engrossar o coro daqueles que trabalham para uma educação cidadã. Trata-se do padre Agnaldo Aparecido de Paula, um mineiro de 42 anos, que acaba de chegar ao Colégio para ocupar o cargo de diretor administrativo. Técnico em contabilidade, graduado em Filosofia e Teologia e mestrando em Teologia Bíblica, ele foi ordenado padre em 1987. Exerceu várias funções, a maior parte delas ligadas às casas de formação da Província. Ano passado, coordenou, em Belo Horizonte, a Campanha da Globalização da Caridade, da qual o São Vicente participa ativamente. Nesta entrevista, ele se apresenta à comunidade e recebe as boas vindas da **chama**.

A chama: Há algum marco da sua opção pela vida religiosa e, em especial, pela Família Vicentina?

Pe. Agnaldo: Duas atividades principais serviram de motivação básica para a vida religiosa: a liturgia e o serviço dos pobres. Desde pequeno, quando frequentava a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, em Arcos, MG, e

durante as festas religiosas, em especial a Semana Santa, ficava admirado com a beleza da liturgia: os gestos, os símbolos, os paramentos, os cantos, etc. A solidariedade e preocupação com os mais pobres foram uma constante em minha família, que apresentava o domingo como um dia especial para três atividades principais: a participação na celebração dominical, a reunião familiar para o almoço comum e a partilha de algo com uma pessoa ou família necessitada. Esse espírito de solidariedade com os pobres fortaleceu-se na adolescência, quando ingressei no Leo Club de Arcos. Com o passar do tempo e a maturidade, percebi que poderia concretizar de maneira harmoniosa essas duas motivações como membro da Congregação da Missão.

A chama: Vir para o São Vicente significa uma total mudança de estado, de função, de obra e, certamente, de trabalho. Como o sr. recebeu essa nomeação?

Pe. Agnaldo: Consciente das estruturas estáveis sobre as quais está alicerçado o Colégio São Vicente de Paulo nos aspectos pedagógico e administrativo, recebi a nomeação para esta nova função com certa tranquilidade e confiança. Em primeiro lugar, confiança em Deus, que sempre tem demonstrado o seu

grande amor por mim e me sustentado com disposição, alegria e os demais dons necessários para a realização das tarefas que me foram confiadas. Se neste atual trabalho os desafios e a responsabilidades são mais exigentes, certamente a graça de Deus e a minha predisposição não serão menores. Em segundo lugar, confiança no apoio e colaboração dos membros e da estrutura da Direção Provincial. Em terceiro lugar, a certeza de poder contar com a ajuda atenta, profissional e competente de dezenas de pessoas que, mais do que funcionários, são colaboradoras no processo de educação desenvolvido aqui no Colégio.

“Quero oferecer à comunidade educadora do Colégio São Vicente a minha disposição para o serviço, abertura ao diálogo e criatividade na busca de respostas eficazes aos desafios apresentados pela realidade do mundo atual”

A chama: Que experiência o sr. traz para a função que assume agora no São Vicente?

Pe. Agnaldo: Desde a década de 70, a Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) forma seus membros na mesma linha pedagógica que o São Vicente adota no processo de formação de Agentes de Transformação Social. Como formado ao longo de sete anos e como formador por outros 13, quero colocar à disposição desta Casa 20 anos de esforço por vivenciar uma educação libertadora centrada na pessoa como primeira responsável pelo seu processo

novo administrador

assume direção administrativa do São Vicente

de formação e de sua história; pessoa que busca sua realização não de maneira egoísta, consumista, hedonista, mas de forma solidária e comprometida com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna. Quero oferecer à comunidade educadora do Colégio São Vicente a minha disposição para o serviço, abertura ao diálogo e criatividade na busca de respostas eficazes aos desafios apresentados pela realidade do mundo atual.

A chama: Que planos ou sonhos o sr. deixa para trás ao assumir o cargo de diretor administrativo do São Vicente?

Pe. Agnaldo: Um dos grandes desafios enfrentados na vida religiosa é o de encontrar o equilíbrio entre projetos pessoais e comunitários. Ao longo desses 23 anos de formação na Congregação da Missão, venho aprendendo a ser menos personalista. Acredito que não se trata de meus sonhos ou meus planos. Os projetos desenvolvidos na Congregação, na Província e nas Casas ou obras devem ser nossos. Nada é tão subjetivo, personalista e complexo que não possa receber a continuidade, colaboração e desenvolvimento de outros. Não podemos ter a pretensão de nos julgarmos excessivamente necessários. Deus nos concede uma vida repleta de possibilidades, mas não de possibilidades infinitas. Podemos sonhar muito, mas a maturidade nos garante que apenas alguns desses sonhos poderão se realizar, e nem por isso assumo uma atitude de passividade, tristeza ou depressão, pois existe o mistério e não o determinismo diante de quais destes sonhos serão concretizados. Gosto muito do pensamento de nosso fundador São Vicente de Paulo, que dizia: "Parece-me muito boa a máxima de servir-se de todos os meios lícitos e possíveis para a glória de Deus, como se Deus não tivesse que ajudar-nos, contanto que tudo se espere de sua Providência, como se não tivéssemos nenhum meio humano". Este é um pensamento que possui a força de

nos comprometer profundamente e ao mesmo tempo nos leva a superar a prepotência e arrogância, acreditando na presença viva e atuante de Deus. Acredito que vários dos projetos que desenvolvia, respeitadas as diferenças e as situações de lugares e pessoas, poderão continuar sendo desenvolvidos no Rio de Janeiro, pois eles não são meus, são projetos da grande Família Vicentina, que se sente chamada por Deus e pelos clamores dos pobres para a construção de uma sociedade mais cheia de vida, fraternidade, justiça, etc.

“Se neste atual trabalho os desafios e a responsabilidades são mais exigentes, certamente a graça de Deus e a minha predisposição não serão menores”

A chama: O que a comunidade do São Vicente pode esperar da sua participação no Colégio a partir de agora?

Pe. Agnaldo: Todos devem esperar que eu seja mais um membro da PBCM que vem para servir aos objetivos que a Congregação da Missão e o Colégio São Vicente de Paulo se propõem realizar: o seguimento de Jesus Cristo, evangelizador dos pobres. Apesar do pouco tempo, sinto que neste Colégio não se busca apenas o conhecimento acadêmico, mas a formação integral da pessoa; busca-se romper as barreiras do conformismo social e caminhar na contramão da ditadura neoliberal; a construção de uma sociedade alicerçada na fraternidade e na paz, frutos da justiça e da equidade sócio-econômica. Deve-se, enfim, esperar a continuidade de todo o processo de humanização e ocupação racional-funcional do espaço físico; formação da pessoa para o exercício da cidadania de forma consciente, crítica e solidária; desenvolvimento do compromisso com as causas dos excluídos; fortalecimento do serviço evangelizador, missionário e catequético, para aqueles que procuram a maturidade humanocristã. ■



ComPasSo:

Há alguns anos, questionado por algumas pessoas sobre o que fazia a Coordenação Comunitária, nosso saudoso Pe. Almeida dizia que ela cuidava “de tudo que não fosse sala de aula”. Essa definição, a partir da negativa e da exclusão, foi, pouco a pouco, adquirindo um formato mais claro, à medida que fomos nos aprofundando na discussão da nossa proposta pedagógica. Ao mesmo tempo, a Coordenação Pastoral foi, também, buscando maior clareza de suas funções, enquanto os apelos da realidade que nos cerca apontavam para a necessidade de privilegiarmos a dimensão social do nosso projeto, em coerência com a missão que nos propusemos e com a proposta do nosso patrono, São Vicente de Paulo.

Com essa perspectiva, decidimos fazer, ao longo deste ano, uma experiência: integrar essas três dimensões — comunitária, pastoral e social —, estruturando-as num mesmo setor. Os artigos que se seguem buscam apresentar as primeiras reflexões e realizações da equipe que assumiu esse trabalho: Hécio, Zédu e Graça.

Artur Motta

Coordenação Comunitária Passado, presente e futuro

Certas heranças são pouco ou mal administráveis. Receber a função de alguém tão particularmente empreendedor quanto nosso amigo Artur traz uma carga de responsabilidade muito pesada. Assim foi o começo de meu período trabalhando na Coordenação Comunitária. Muito trabalho, pouquíssima prática (embora contasse com o apoio incondicional do Artur) e um fundamental sentimento de inadequação.

A definição a que se refere o início do artigo, da incumbência por tudo o que não fosse sala de aula, acabou em grande parte por definir expectativas. Frequentemente nós éramos procurados para organizar ou apoiar atividades que não me pareciam da alçada da Comunitária (como nós carinhosamente chamávamos a Coordenação). Por outro lado, mesmo aquilo que se esperava dela nem sempre era executado a tempo ou a contento.

E o que é que se esperava dela? Relações com as entidades representativas de segmentos da Comunidade Educativa, como Grêmios, APM, Antigos Alunos, e com entidades de fora, como meios de comunicação de massa, associações de

moradores, até com a polícia. Como se não bastasse, ainda havia a missão de criar ou apoiar oportunidades de encontro entre os setores daqueles que trabalhamos aqui, como Diurno e Noturno, os segmentos do curso regular, professores e funcionários. Enfim, zelar pela construção da comunidade.

Há, sem dúvida, poucas tarefas tão ingratas quanto a de suceder a alguém bem-sucedido. Na verdade, o grande apoio chegou com a implantação da Equipe ComPasSo. É verdade que o tempo ensina muito, e já no fim do ano de 2002 pudemos avançar em algumas questões como, por exemplo, no acompanhamento dos critérios para excursões. Porém, faltava mesmo poder trocar, partilhar, usufruir de dons que eu não tinha e que outros têm. Enfim, faltava gente, e gente boa! Agora estamos podendo realizar atividades novas, como passeios culturais subsidiados com professores, confecção de lembranças de Páscoa, colaboração efetiva em atividades de funcionários. Tentando ajudar na construção de uma real comunidade, que começa por nós mesmos.■

Hécio Alvim

Coordenação Pastoral Diálogo, trocas e desafios

Atuar nas dimensões pastorais e comunitárias do Colégio São Vicente é também um dos desafios da Equipe ComPasSo. Estar ocupando o lugar e dar continuidade às atividades e projetos deixados pelos antigos Coordenadores, Professores Sérgio Maia e Artur Motta, é uma tarefa instigante e bonita que esta equipe recebeu.

A dimensão pastoral que buscamos e que realizamos aqui no Colégio São Vicente é imensa e desafiadora. Temos alguns caminhos para trilhar neste ano de 2003. O primeiro passo dessa caminhada é dar o acompanhamento e a formação específica aos professores de Ensino Religioso, nos níveis de atualização teológica e pedagógica. O segundo é dar prosseguimento à nossa identidade católica, tais como o aprofundamento da fé através dos Sacramentos da Primeira Eucaristia e da Crisma, para alunos e alunas e outros da comunidade educativa. O terceiro é buscar momentos em que a comunidade educativa e a Família Vicentina possam refletir juntas, buscando viver a sua fé, à luz de São

um exemplo de trabalho em equipe



HELICIO, ZÉDU, GRAÇA E NANCY COMPOEM A EQUIPE



PROFESSORES EM VISITA À EXPO-CHINA E FUTEBOL E PÁSCOA DOS FUNCIONÁRIOS: EVENTOS PROMOVIDOS PELA COMPASSO

ção Pastoral ca e reflexão

Vicente de Paulo. O quarto passo é buscar uma ação pastoral vinculada à realidade social que já está presente no Colégio, tais como os Comitês Graúna e Grauninha e outras atividades que trazem, em sua ação, a autonomia pela solidariedade.

“Através do diálogo, da troca e da reflexão é possível estabelecer diferenças e perceber identidades, assim como aprofundar as razões da nossa fé”: tal é o Projeto Pastoral do Colégio São Vicente de Paulo. Diálogo, troca e reflexão são, portanto, as características fundamentais do Ensino Religioso, para uma ação pastoral “ComPasSada”.

Em sua ação pastoral e pedagógica, a equipe Compasso se une aos padres Lauro, Agnaldo, Geraldo Barbosa e Geraldo Mól e às Coordenações Acadêmica e Pedagógica, com o intuito de unir forças para realizar essa tarefa.

Há um caminho longo e necessário a percorrer e outros a descobrir. Sabemos apenas que nesse processo se encontra a presença de Deus. Só nos resta prosseguir. ■

José Eduardo de Souza

Coordenação Social Uma realidade a construir

Quando se menciona o nome do Colégio São Vicente de Paulo, imediatamente somos remetidos à idéia de engajamento político. Tal associação, muito honrosa para nós, é sem dúvida fruto da história de lutas e conquistas de professores, funcionários, alunos e pais de alunos que construíram aqui uma Escola a serviço da transformação social.

Os anos passam e a sociedade muda. Hoje, mais do que nunca, o que se entende por engajamento está muito mais próximo de ações transformadoras da realidade concreta dos empobrecidos do que dos discursos inflamados de outros momentos históricos. E é exatamente porque tentamos ouvir os “sinais dos tempos” que percebemos a necessidade de ampliar nossa proposta de ação.

Queremos que nossa comunidade encampe projetos que criem novas realidades, ainda que em pequenos ambientes. Engajamo-nos na “Globalização da Caridade”, proposta da Família Vicentina tão bem recebida. Muitos de nossos professores investem

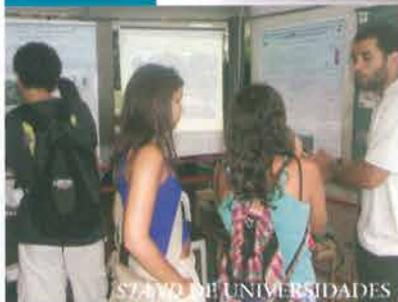
boa parte de suas férias trabalhando na formação de outros profissionais da educação no sertão da Bahia. Nossos alunos do dia dão aulas de Matemática, Português, Ciências, Geografia, Inglês e, principalmente, de solidariedade para nossos alunos do Noturno. Continuamos atendendo projetos de geração de educação, emprego e renda por meio dos Grêmios e do Graúna e Grauninha.

Com tudo isso, ainda somos pequenos aprendizes do grande mestre São Vicente de Paulo (que, por sua vez, tinha como mestres e senhores os pobres), excepcional organizador das caridades. É com o espírito de filhos humildes desse gigante, também ele um exemplo de humildade, que pretendemos, com a equipe ComPasSo, estruturar e dar rosto às iniciativas que hoje temos. Quem sabe, assim, não possamos juntos ampliá-las e garantir-lhes continuidade? Estaremos respeitando nosso legado e cooperando para a construção de um mundo justo e fraterno, nosso anseio e esperança. ■

Maria da Graça Vasconcelos



SER ou não SER! eis a questão ●



STAND DE UNIVERSIDADES



PAIS ASSISTEM À OFICINA SOBRE PROFISSOES PARA OS FILHOS



Na hora do vestibular, um dos grandes desafios é a escolha da profissão a seguir e do curso a procurar. O leque de opções se torna mais diversificado a cada ano e, se não houver a devida orientação, o problema fica ainda maior. Para se ter uma idéia, somente a Universidade Federal Fluminense (UFF) oferece mais de 50 cursos de graduação, fora as divisões desses cursos em outros mais específicos, como é o caso da engenharia, por exemplo.

Na tentativa de reduzir os efeitos negativos desse processo — apreensão, ansiedade, estresse —, o São Vicente vem dedicando uma atenção especial à questão da orientação educacional. Ao longo do ano, diversas iniciativas são desenvolvidas com os alunos do ensino médio, entre as quais, a já tradicional Feira do Trabalho.

A serviço dos alunos

Em sua versão 2003, a Feira do Trabalho, realizada no dia 12 de abril, contou com a participação de mais de dez Instituições de Ensino Superior que disponibilizaram amplo material de consulta para os alunos e promoveram atividades e exposições nas quais era possível aprender um pouco sobre diversas profissões. No stand da Universidade Veiga de Almeida, por exemplo, universitários das áreas da Saúde mediam a pressão dos presentes, enquanto no da Faculdade de Direito Evandro Lins e Silva, estreade na Feira, era distribuída uma cartilha de bolso sobre os direitos do cidadão e, no da

Fundação Oswaldo Cruz, era possível se entender um pouco do trabalho de pesquisa na área biológica e sua contribuição para a sociedade.

No Laboratório de Informática, os alunos tinham acesso a um guia de profissões e podiam se divertir fazendo pequenos “testes vocacionais”, disponíveis no site da Escola. Nas salas de aula, professores, alunos e convidados apresentavam trabalhos e estimulavam debates e discussões sobre a questão do trabalho e da escolha profissional.

A serviço dos pais

“Discutindo as profissões — o futuro dos nossos filhos” foi o tema de uma animada oficina realizada pela orientadora educacional Eleonora Caldeira e pelo professor Fernando Castro. Embalados por músicas e descontraídos, pais e mães conversaram e refletiram sobre suas expectativas com relação às opções profissionais de seus filhos e à necessidade de respeitá-las e sobre suas próprias angústias relativas às mudanças ocorridas na sociedade e no mundo do trabalho, tomando conhecimento também do tipo de orientação que é dada aos alunos durante o ano. No final da oficina, muitos elogios e um pedido especial: que sejam organizadas outras atividades similares fora do ambiente da Feira. De presente, uma mensagem de Jean Paul Sartre: “A imaginação: elemento fundamental na escolha. O ato de imaginar é um ato mágico. É uma encantação destinada a fazer aparecer o objeto pensado, a coisa desejada, para podermos nos apossar deles”. ■

DESFILE DE “ALTA” DIVERSÃO

Nem só de Gisele Bündchen vivem as passarelas. Foi o que mostrou o grupo de teatro do Ensino Médio, durante a Feira do Trabalho. Dirigidos pelo professor Mário Sérgio, os alunos-atores, devidamente caracterizados, desfilaram suas profissões sob comentários mordazes de um sarcástico e malicioso “apresentador”. Em meio a muitas gargalhadas, o público ia percebendo que algumas profissões não são tão glamorosas quanto parecem e que todas elas têm as suas mazelas. De forma irônica, a peça também mostrou a triste questão do desemprego e suas terríveis consequências sociais.

O “desfile” foi o primeiro espetáculo de teatro do Colégio sob orientação do professor Mário Sérgio, que explica o seu projeto para o grupo: “Meu objetivo é integrar o teatro a outras atividades pedagógicas e suprir as necessidades da Escola nos eventos culturais”.

Na montagem do espetáculo, o diretor contou com a ajuda dos antigos alunos, e atuais monitores, Pedro Struchiner e Guilherme Stutz que, no ano passado, assumiram provisoriamente a liderança do grupo.

E agora, aonde vamos?

Terminada uma etapa, queremos passar adiante. Esta revista "a chama" apresentou, no número precedente, os passos iniciais da Campanha da *Globalização da Caridade: Luta contra a Fome*. Esta Campanha mobiliza, no mundo inteiro, a Família Vicentina, com suas centenas de grupos, movimentos e ramos, e seus milhões de membros. Até o final de setembro deste ano, estaremos movidos por um impulso coletivo, generoso, imaginoso, que nos levará a engajar-nos em várias frentes e atividades.

Neste segundo número da revista, dedicado, em grande parte, a cobrir as ações da Campanha, já não estamos mais na *fase de sensibilização*, que supôs um primeiro momento de conhecimento da realidade, contacto com situações de pobreza e miséria, primeira mobilização, despertar das boas vontades dos Alunos e dos seus Pais. Foi importante e bem

feita a fase de comunicar-nos uns com os outros, sobretudo de passar aos outros o entusiasmo e o interesse, o zelo e o gosto que sentimos nas atividades que nos foram pedidas e que foi possível fazer.

Agora somos chamados a agir.

As ações que faremos serão de três tipos. Um é a *ajuda nas emergências*, nas necessidades imediatas, o prato de comida, a cesta básica, o remédio, a arrecadação de coisas e sua distribuição. Vamos continuar com esse tipo, porque as misérias não esperam. Quem tem fome tem pressa, tem urgência.

Outro tipo são as *ações de promoção*, quando não nos limitamos a fazer o curativo, a curar a doença, a dar a comida, mas vamos às causas, às raízes da violência, da fome, do desemprego, da doença.

O terceiro tipo são as *ações de transformação*, que modificam as estruturas ou os condicionamentos a que

estamos submetidos e nos fazem superar os problemas. Neste aspecto, nosso projeto pedagógico fornece linhas de ação muito ricas. Cito três exemplos: a) Formar multiplicadores de nossa ação. b) Agir de modo que as pessoas com quem trabalhamos sejam sujeitos de seu próprio desenvolvimento e não apenas objetos de nosso zelo, de nossa ajuda. c) Dar continuidade aos projetos, não parar no primeiro obstáculo ou deslumbrar-nos no primeiro sucesso e ficar nisso.

Este número de "a chama" é um convite a passar adiante, quer ser um estímulo a dar passos significativos na superação dos problemas, é um compromisso de continuidade.

No trabalho de Nova Sepetiba estão descritos os três tipos de ação: emergencial, de promoção e de transformação.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Globalizando a caridade na prática



Ação emergencial, de promoção e transformação. Ou, parodiando o velho ditado, dar o peixe e ensinar a pescar. Esse é projeto ambicioso da Campanha da Globalização da Caridade, que vem mobilizando alunos, pais, professores e funcionários do São Vicente. Várias ações já foram ou estão sendo desenvolvidas, respondendo a esses três objetivos. Em Nova Sepetiba, conjunto habitacional da zona oeste do Rio de Janeiro, localizado a 80 km do centro, vários ramos da Família Vicentina, incluindo o Colégio, uniram-se num trabalho em prol da população carente que talvez seja o exemplo mais concreto desses três níveis de ações. O trabalho das crianças no Dispensário São Vicente de Paulo também mereceu destaque nesse período. Isso sem contar as ações sociais que já existiam antes do lançamento da Campanha, como os comitês Graúna e Grauninha, o projeto



Cocos e a monitoria, com os alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Sensibilizar e agir

Nova Sepetiba, conjunto habitacional que serviu de cenário para o filme “Cidade de Deus”, tem cerca de 40 mil habitantes — vindos de acampamentos, inclusive do Movimento dos Trabalhadores sem Teto, do lixão, da Fazenda Botafogo e desabrigoados de um modo geral — que vivem em situação de total carência, de dinheiro e de serviços básicos, como saúde, saneamento e educação.

Uma obra pública que começou em 2000 construiu 4 mil casas, todas ocupadas. A interrupção da obra por razões políticas fez com que parte do conjunto ficasse sem rede de esgoto, pavimentação e iluminação pública, e diversas famílias permanecessem abrigadas em barracas de plástico, sem condições mínimas de sobrevivência.

Uma parceria da Família Vicentina com a Paróquia Santa Edwiges e São Pedro fez nascer por essas bandas um trabalho social baseado em ações e resultados de curto, médio e longo prazo. É o Pe. Geraldo Mól, um dos participantes e entusiastas desse projeto, quem explica. **Emergência:** “Diante dos inúmeros problemas, algumas ações de assistência emergenciais precisaram ser realizadas. Foram feitos projetos de arrecadação de alimentos, remédios, roupas, etc. A fome é grande, os problemas de saúde são inúmeros e muitas outras necessidades básicas não são

atendidas. Devido ao grande desmatamento para a construção do Conjunto e à poluição das fábricas próximas, quase toda a população tem problemas respiratórios. Foi necessária a distribuição de bombinhas que auxiliam na respiração e de aparelhos de nebulização. As crianças e os idosos são os que mais sofrem. A Pastoral da Criança tem arrecadado, com dificuldade, leite em pó, farelo de soja, fubá e açúcar para a multimistura que tem sido, para muitas crianças, o único alimento. São necessárias cerca de 500 cestas, por mês, para atender as famílias mais carentes que não possuem nenhum membro empregado, nenhum aposentado ou que não conseguiram o “Cheque Cidadão”, seja por falta de documentação pessoal seja por quaisquer outros motivos.” **Promoção:** “Outros projetos promocionais estão em andamento. Estamos tentando captar recursos para o “Projeto Maria Maria: Construindo a Cidadania”, que pretende dar cursos de formação de corte e costura e arte em costura para as mulheres que, na maioria das famílias, têm a função de mantenedoras, e formação de cooperativas para fabricação de tijolos ecológicos. O desejo é geração de renda e auto-sustento, além, evidentemente, da restituição da dignidade a essas pessoas que sobrevivem da caridade de muitos. Para tanto, precisamos construir um grande galpão onde a comunidade possa se reunir, se organizar e desenvolver suas atividades.” **Transformação:** “Pensando no processo de evangelização, a Família Vicentina quer chegar a ações transfor-

madoras. Estamos trabalhando na organização do povo em grupos de reflexão, celebrações, pastorais sociais, movimentos populares organizados visando à formação religiosa, humana, intelectual, que criem condições para uma análise crítica da realidade e reivindicação de uma sociedade mais justa e fraterna, sinal do Reino Definitivo.” E ele mesmo conclui: “Eis o nosso programa e tamanho desafio!”.

Ajudar a si mesmo

“Crianças do Dispensário São Vicente de Paulo precisam de atenção e carinho. Elas estão carentes. É uma pena que o governo ainda deixe isso acontecer”. “Crianças carentes precisam de você. Ajude-as para ajudar você mesmo”. Publicar frases como essas num pequeno informativo produzido por eles, foi uma das formas que os alunos da turma 42, da 4ª série do ensino fundamental, encontraram para arrebatar mais gente para sua causa social. Engajados na Campanha da Globalização da Caridade, eles se dedicaram a visitar e ajudar o Dispensário São Vicente de Paulo, que abriga cerca de 150 crianças enquanto os pais estão trabalhando. “As crianças não têm conforto para dormir, pois o colchão é muito fino, mas elas são felizes, comem bem e são muito comportadas”, dizem os pequenos, em outra nota do jornalzinho.

O trabalho desenvolvido no Dispensário consiste em brincar com as crianças, ajudar as Irmãs, principal-

mente na hora de dar comida, e doar brinquedos, roupas e utensílios — como colchões. Em outras palavras, levar um pouco de solidariedade, nos seus mais diversos formatos.

No dia 19 de dezembro do ano passado, alunos das 3ª e 4ª séries do ensino fundamental organizaram uma festa de Natal para as crianças do Dispensário. No mesmo dia, a equipe do ensino médio do São Vicente fez a festa para as famílias dessas crianças. Antônio Moraes (do audiovisual) foi o Papai Noel que distribuiu presentes doados pelos alunos do ensino médio. Depois, assistiram à apresentação do coral dos pequenos, o Loas e Luas, regido pela professora Norma Nogueira.

Já as famílias participaram de uma dinâmica que refletiu sobre os desejos de cada um a partir da história “O pinheirinho de Natal”. No final, cada família recebeu uma cesta básica, doada por professores e alunos das 3ª e 4ª séries.

Avaliando todo esse trabalho, a coordenadora do Dispensário, Irmã Bernadette Mello, das Filhas da Caridade, ressalta “a alegria como a tônica do entrosamento do Colégio São Vicente de Paulo com as crianças em todos os sentidos”. Segundo ela, “as idas à creche em grupos com os professores, a presença das mães voluntárias e a freqüente visita espontânea foram sempre uma troca pastoral”. Os pontos negativos do projeto se resumem a uma escassez de tempo, que impediu a assiduidade dos alunos. Como momentos especiais, além das festas natalinas,

ela destaca as visitas de pais e filhos, juntos, em horas extras.

A Irmã conta ainda que as brincadeiras geraram observações do tipo: “Como precisamos ser mais delicados e fraternos uns com os outros”. A relação ficou tão forte que eles se conhecem pelo nome e chegam a chorar quando se despedem. Segundo ela, algumas exclamações dos alunos levaram a uma séria reflexão. Foram frases como: “Hoje lavei minha alma” e “Estou aprendendo a comer quando ofereço às crianças o que elas têm”. Tudo isso leva a crer que as crianças da 4ª série, aquelas do jornalzinho, é que tinham razão ao descrever, na terceira pessoa, o próprio trabalho: “Eles foram ajudar na solidariedade com o próximo, exercendo sua cidadania e fazendo o bem para si mesmos”.

Trabalho em família

Essa idéia de solidariedade se aprende também na família. Maria Teresa Machado, mãe de Felipe Pinheiro, do 1º ano do ensino médio, ajudou a estruturar o Projeto Social Cocos, participa há mais de um ano do Grauninha e contribui mensalmente para as cestas básicas que são doadas à comunidade de Nova Sepetiba — ano passado ela visitou o conjunto habitacional. Todas essas iniciativas foram tomadas antes do lançamento da Campanha da Globalização da Caridade e continuam sobrevivendo. Segundo ela, sua principal motivação para o envolvimento com causas sociais são os questionamentos do filho: “Volta e meia Felipe me pergunta o que podemos fazer para ajudar as pessoas. Ele é um atormentado com essa nossa realidade e eu acho que ver a mãe fazendo alguma coisa serve de exemplo. Sei que meu filho não vai crescer alienado”, diz. Exemplo é o que não lhe falta. O pai também contribui para a cesta de Sepetiba e participa de um grupo, que nada tem a ver com o São Vicente, que distribui cachorro-quente para a população de rua. Maria Teresa conta que uma experiência que marcou muito o filho foi assistir o filme “Cidade de Deus” junto com os jovens da Fundação São Martinho, numa sessão exclusiva que o Colégio montou,

seguindo os trabalhos da Campanha. “Uma coisa é você ver na televisão, outra é sentar junto com pessoas que sofrem aqueles dramas, ter a mesma emoção, se sentir igual”, ela descreve. E completa: “Se ele tinha 30 graus de visão, a partir daquele dia passou a ter 270”. Voltando ao jornalzinho da 4ª série, outra nota dizia que, colaborando, “Você ajuda sua evolução”. Que se acrescente: e a da sua família também.

Como foi apresentado na última edição da “chama”, seguindo a proposta do Colégio para a Globalização da Caridade, alunos, professores e pais envolveram-se em diversos projetos, além dos aqui descritos, cuja relação pode ser encontrada no site da Escola. Alguns foram interrompidos, outros continuam em andamento, outros ainda vão nascer. Para o Colégio, o importante é que eles sejam mais do que um evento, sobrevivam ao período de uma campanha e imprimam no São Vicente uma marca ainda mais forte de solidariedade e vontade de fazer pelo outro. Como Renata Guimarães, aluna do 1º ano do ensino médio que, junto com outras duas amigas, continua visitando o Dispensário semanalmente, apaixonada pelas crianças. Os pais, Anna Lucia e Gilmar, contam que a alegria de Renata quando volta da visita, cheia de histórias, é tão contagiante que a filha mais nova, estudante de outra escola, já quer conhecer a instituição. “Apesar de serem poucas horas por semana, o prazer de ver as crianças sorrirem quando o grupo chega e chorarem quando vai embora, ajudar na festa de Natal, tudo isso tem mexido com ela”, diz Anna Lucia, acrescentando que a filha já vinha de uma formação voltada para a consciência social, em outro colégio, e agora está podendo pôr isso em prática.

Lançada a semente, resta torcer para que a preocupação com a globalização da caridade, no sentido estrito, esteja presente em todas as disciplinas, na sala de aula, nas reuniões de pais, nos encontros de família, nas horas extras e nos momentos de lazer. Solidariedade e mão na massa: essa é a receita que se espera para a transformação social. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



No dia 30 de março de 1959, foi inaugurado o Colégio São Vicente de Paulo. De lá para cá, sucederam-se inúmeras mudanças e grandes evoluções, sinal de que o São Vicente soube amadurecer, utilizando, com inteligência, a experiência adquirida com o passar dos anos. Não é à toa que o aniversário do Colégio é sempre festejado com tanto carinho. No dia 3 de abril deste ano, repleto de amigos, o São Vicente comemorou seus 44 anos de existência, como sempre aproveitando para dar as boas vindas aos alunos novos e seus familiares.

A festa, no entanto, foi ainda maior, pois no mesmo dia comemorou-se também a posse da nova diretoria da Associação de Pais e Mestres (APM) e do novo diretor administrativo do Colégio, Pe. Agnaldo, que assumiu o cargo com a saída do Pe. Maurício, convidado para um trabalho missionário na periferia de Brasília.

Uma celebração de alegria

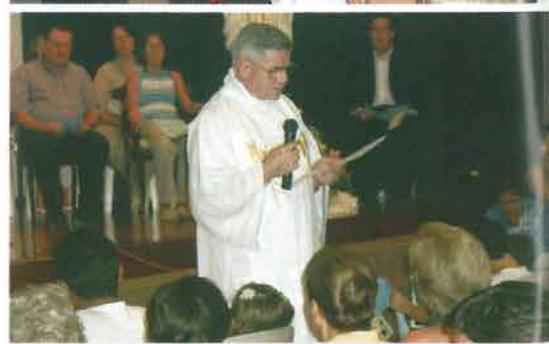
No auditório estavam presentes professores, alunos e seus familiares, funcionários e representantes dos colégios Santa Rosa de Lima, Sion e Miraflores, do Dispensário São Vicente de Paulo, da Associação das Escolas Católicas (AEC) e das Voluntárias da Caridade, entre outros. Todos num clima de perfeita harmonia e grande descontração, como deve ser quando amigos se encontram para festejar.

Ao iniciar a missa, concelebrada pelos padres Eli Chaves, Lauro Palú, Geraldo Mol e Agnaldo, Pe. Maurício fez questão de recordar os já falecidos padres José Paulo Salles Júnior, Provincial que decidiu construir o São Vicente, e Joaquim da Silveira Horta, que dirigiu a construção e foi o primeiro diretor da Escola, e de convidar os presentes a refletirem sobre a Campanha da Fraternidade de 2003, cujo tema é "Vida, dignidade e esperança", em defesa dos idosos.

Cabeça ou cabaça?

Na Homilia, proferida por Pe. Lauro Palú, uma bela reflexão sobre a vontade de Deus para uma verdadeira Comunidade Educativa.

Recordando o comportamento de Jesus, que morreu por não trair sua consciência, não concordar com o erro dos poderosos e não ter medo de gritar a verdade diante do rei e da sociedade, Pe. Lauro destacou algumas passagens da vida de Cristo, que escandalizou as pessoas, não por uma ação agressiva, mas por pregar um Deus diferente do deus vingador que ia tomar a defesa do povo daquela terra. "Jesus Cristo foi contra a corrente, não embarcou na visão popular, no que todo mundo queria. Nós também sentimos que é necessário remar contra a corrente, ir contra a maré, pensar com nossa cabeça e não com a cabaça que a propaganda enche de estímulos, com a cabaça que os outros querem manipular e levar para onde bem desejam. Nossa função, aqui no Colégio, é contracultural, não porque queremos ser diferentes, mas porque é preciso ser diferente do que a ideologia, a propaganda, a manipulação estão querendo por nós", disse, mostrando que é possível outro mundo, no qual ao Fórum Econômico pode-se opor um Fórum Social, no qual haja a globalização da caridade e inexistam a fome, um mundo onde as religiões aproximem e libertem, onde as universidades sejam para todos e não só para os que podem pagar ensinos médios eficientes ou pertençam a um determinado grupo. "Quanto mais pensarmos com nossa cabeça e decidirmos com nosso coração, tanto mais poderemos mudar o mundo", afirmou, garantindo que o São Vicente tem a coragem de querer que os alunos sejam sujeitos de seu próprio aprendizado, sujeitos multiplicadores que pensem e possam transformar o mundo. "Neste Colégio, temos a alegria de ver os alunos do curso de Educação de Jovens e Adultos virem estudar porque aqui são tratados como gente e



comemorar!

é bonito ver que, aos poucos, deixam de ser 'paraibas' e passam a declarar-se paraibanos, sergipanos, pernambucanos, recusam o estereótipo genérico e assumem sua identidade social, étnica e cultural".

Pe. Lauro ainda falou da miséria presente no mundo e do trabalho realizado na Campanha da Globalização da Caridade. "Estamos conscientes de que é preciso evangelizar os Pobres, melhor ainda, que é preciso ser evangelizados pelos Pobres, aprender deles e caminhar com eles, rumo à sociedade fraterna e justa, anunciada por Cristo, trabalhada por São Vicente de Paulo e por nós que queremos seguir Jesus Cristo e São Vicente". Para terminar, uma convocação a todos os presentes: "Vamos juntos. Vamos apoiando-nos. Vamos certos de nosso dever e dos resultados de nosso esforço solidário".

Até qualquer dia, Pe. Maurício! Bem-vindo, Pe. Agnaldo!

Ao final da celebração, momentos de emoção marcaram a despedida de Pe. Maurício e a posse oficial de Pe. Agnaldo, na leitura de um texto de Patrícia Rubim (ver trecho na página 21) e nas palavras do Pe. Eli Chaves dos Santos que, em nome da Província, agradeceu ao Pe. Maurício pelo belo trabalho realizado e deu boas vindas ao novo diretor administrativo, deixando, como mensagem, as palavras de D. Hélder Câmara: "Diante dos desafios, ultrapassa-te a cada dia, a cada instante! Não por vaidade, mas por coragem e alegria no sublime trabalho de construção do mundo. Ultrapassa-te! Mas nunca te esqueças de integrares os desígnios de Deus nosso pai, nunca te esqueças de estar trabalhando na construção do reino de Deus".

A seguir, foi a vez de o homenageado lembrar um pouco de sua trajetória e dividir com os amigos algumas de suas reflexões (ver box).

Ainda contagiados pelo clima de alegria da celebração, os presentes puderam acompanhar a posse da nova diretoria da APM (ver página 12) e seguir para o coquetel que deu seguimento às festividades.■



PADRE, PATRÃO E EMPRESÁRIO*

Quando assumi a Direção Administrativa do Colégio, me perguntei como poderia exercer essa função numa Casa que, de certa forma, funciona como uma empresa, pelo serviço que presta à sociedade e pelo número de funcionários que tem. Como ser padre, patrão e empresário ao mesmo tempo? Lembrei da teologia do sacerdócio, que diz que ser padre é ser sacerdote, profeta e pastor. Sacerdote porque se oferece em sacrifício para ser intermediário entre seu povo e Deus; profeta por representar uma instância crítica diante da realidade, denunciando os desvios e incoerências e anunciando a boa nova; pastor por organizar, articular e coordenar, como fizeram Moisés e Jesus. O importante é que ele não queira ser mais do que um coordenador para não correr o risco de querer ser maior do que o seu Senhor. Na teologia clássica, a presença de Deus no mundo era representada por um triângulo com um olho no meio e uma frase embaixo: 'Deus te vê'. O triângulo horizontal, de lados e ângulos iguais, lembrando a relação unitária, a comunhão de vida entre as três pessoas da Santíssima Trindade e o olho significando a presença de Deus. Essa representação de Deus, no entanto, tem sido freqüentemente alterada com um movimento muito sutil que gira o triângulo e o coloca de pé, sobre um de seus lados, transformando-o numa pirâmide e fazendo com que relações horizontalizadas passem a se dar de cima para baixo, com o olho central servindo para legitimar um certo tipo de poder. Um simples movimento que transforma as relações comunitárias de amor em relações de poder e acaba justificando muitas coisas, inclusive as guerras santas. Diante de vocês, eu reconheço que muitas vezes, por causa da minha função, acabei fazendo essa inversão, e gostaria de pedir perdão por isso. Também gostaria de agradecer pela paciência e compreensão que tiveram comigo e dizer o quanto admiro a capacidade daqueles que, trabalhando nesta Casa, sabem conviver com padres que, vez ou outra, fazem a virada do triângulo e, ainda assim, conseguem levar adiante um trabalho que completa 44 anos. Também quero agradecer à Província pela oportunidade que me deu e pela oportunidade de poder voltar para a missão. Que Deus me faça sacerdote, profeta e pastor, livrando-me da tentação de girar o triângulo, e permita que Pe. Agnaldo mantenha aqui a mesma coerência e consistência com as quais vem desenvolvendo todas as suas funções. Muito obrigado a todos.

** Síntese da mensagem de Pe. Maurício*

No dia 03 de abril, após a missa pelos 44 anos do

Colégio, tomou posse a nova diretoria da APM, eleita para o Biênio 2003/2004. Na ocasião, a presidente da Associação, Denise Braune, falou das atividades realizadas pela diretoria passada, prestando uma homenagem ao antigo casal Tesoureiro, Maria Lúcia Godoy e Duarte Machado Vicente, que deixa a APM após três mandatos consecutivos, e fez um breve relato sobre as eleições convocadas no dia 24 de março e seus resultados, apresentando ainda os membros da diretoria eleita que estavam presentes na cerimônia.

Dois anos de realizações

Durante os dois anos em que esteve à frente da APM, a antiga diretoria trabalhou com afinco, participando ativamente na organização dos eventos do Colégio e apoiando diversos projetos culturais e sociais que contribuem significativamente para a formação dos alunos e para a integração da comunidade.

Um dos projetos apoiados pela APM é o curso de Filosofia e Cinema, de responsabilidade do professor Patrick Pessoa. No projeto, os alunos da 3ª série do ensino médio assistem e discutem alguns clássicos da história do cinema e, no final do semestre, fazem seus próprios curta-metragens. Como o Colégio não dispõe dos equipamentos necessários para a finalização dos filmes, eles precisam ser alugados, o que é feito com a ajuda da APM. Perguntado sobre o papel que a Associação desempenha no projeto, Patrick Pessoa é categórico: "Sem o apoio da APM, esse projeto simplesmente não teria sido realizado".

O apoio da APM também foi fundamental para a montagem, em 2002, da peça "O cavaleiro da triste figura", pelo Grupo Novo de Teatro, formado por alunos do ensino médio e liderado também pelos então alunos, Guilherme Stutz e Pedro Struchiner. A APM acreditou e os alunos mostraram sua capacidade, trazendo para o Colégio um pouco da vida de Miguel de Cervantes.

PRESIDENTE DA
APM DISCURSA NA
CERIMÔNIA DE
POSSE



e o trabalho continua...

Para Patrícia Costa, regente do coral São Vicente a Cappella, "a APM é a complementação da união de forças da direção, da coordenação e dos grêmios para a realização dos eventos Corais do Colégio". Mas isso não é tudo, como constata Norma Nogueira: "No trabalho do Loas e Luas, a Associação de Pais e Mestres tem dado a maior força por acreditar, incentivar e apoiar sempre de maneira carinhosa nossos projetos".

Além de tudo isso, a APM ainda patrocinou eventos esportivos, como as Olimpíadas da Escola, colaborou no trabalho das Voluntárias da Caridade, que atendem regularmente 32 famílias e prestam auxílios esporádicos a outras pessoas necessitadas, ajudou a viabilizar o curso de Corte e Costura e manteve sua colaboração com o Projeto Jaguaruana. Como canta Milton Nascimento, "se muito vale o já feito, mas vale o que será". E é esse o espírito que anima a diretoria eleita na continuidade de seu trabalho.

O resultado das eleições

Para convidar os pais a participarem das eleições, foram enviadas 1414 circulares. Votaram 106 pais, 49 dos quais sugeriram temas a serem trabalhados ou discutidos pela APM. Entre os 57 assuntos escolhidos, o mais citado foi o das drogas, com oito votos. Com sete sugestões vieram a questão da violência e a dos limites. Dependência química, relação Família-Escola e sexualidade infantil foram citadas, cada uma delas, por cinco eleitores.

Na chapa eleita, permanecem da diretoria anterior os Presidentes — Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune —, Vice-Presidentes — Marco Vinício e Rosaria Bittencourt — e Relações Públicas — João Afonso e Solange Teixeira. A esses juntaram-se os Secretários — Geraldo Guimarães e Cristiana Andrade Mello —, Tesoureiros

— Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Taucei e os Representantes dos Professores — Cristina Vellaco e Gerson Vellaco Junior.

Além dos membros da diretoria, a APM contará com a ajuda de diversos voluntários para integrar suas comissões de trabalho, entre eles, Everaldo de Oliveira Carneiro, Maria Bernadete Capdeville, Silvana Aparecida Pedroni, Eduardo e Isabel Cristina Lamarca, Arthur Eduardo e Mariley de Fátima Prohmann, Karen Acioli, Oberlan Calçada, Márcia Lund, Jorge Tadeu e Maria de Fátima Leal, Paulo Fernando e Maria de Lourdes Cavalim.■



DINA DOS SANTOS

NOVA SECRETÁRIA

No dia 11 de março, começou a trabalhar a nova secretária da APM: Dina Lúcia de Oliveira dos Santos. Os interessados em entrar em contato com a Associação podem procurá-la na sala que fica atrás da cantina. Pela manhã, a sala da APM funciona das 9h às 13h, nos dias de semana, e das 9h às 12h, aos sábados. À tarde, o horário de atendimento é das 14h às 18h, de segunda a sexta-feira.■

Pais separados, filhos divididos



A família tradicional está mudando. Cada vez mais, crianças e jovens têm que conviver com pais separados, cada um com seu namorado, irmãos emprestados, algum sofrimento e uma nova vida. Os profissionais de educação também precisam se adaptar a essa realidade, com a qual a escola tem se deparado. Para discutir sobre os melhores caminhos para uma separação menos dolorida, sem que brigas e mágoas joguem a criança para segundo plano, “a chama” convidou Athamis Barbosa e Ian Daniels, um casal de pais (ele belga e ela brasileira do norte) cujo casamento vai muito bem obrigado; as alunas Débora Costa e Sofia Ramos, filhas de pais separados; as professoras Márcia Vieira e Maria Cristina Teixeira, esta última também divorciada; e a psicóloga e coordenadora do Serviço de Orientação Educacional (SOE), Patrícia Rubim.

A criança e o divórcio

Patrícia: A idéia deste fórum surgiu porque recebemos, com alguma frequência, a visita de pais em separação litigiosa, que recorrem à Escola querendo que a gente tome partido. Pedem coisas do tipo: declaração de que o aluno chega atrasado na escola para entrar em juízo, recebimento de outra via do boletim, etc. Eles não querem que a Escola faça uma mediação, mas que se posicione para que eles consigam alguma coisa na justiça. Entendendo que, nessa situação, quem sofre são os filhos e que eles precisam de pai e mãe, o partido que a gente toma é o da criança.

Com o divórcio as figuras de pai e mãe ficam prejudicadas?

Patrícia: Se as coisas correm bem, a criança passa a ter os pais separados, mas continua tendo pai e mãe. Existe ex-marido e ex-mulher, mas não ex-pai e ex-mãe. Há famílias aqui que se separaram e a criança continua tendo a presença do pai e da mãe, são casais que, quando se trata do bem-estar do filho, sentam e conversam.

Débora: Eu acho que quando a criança já cresceu, já tem maturidade para entender as

coisas, é mais difícil. Quando ela é mais nova, não percebe bem o que está acontecendo. E vai viver sempre da mesma forma. Quando é mais velha, ela sabe que vai perder de qualquer modo, por ela, não pelos pais. Os meus pais já eram separados antes de eu nascer, cresci acostumada com uma coisa que não vai mudar mais.

M. Cristina: Minha separação foi amigável. Mas é sempre sofrido, para você e para os filhos. Percebi que as minhas filhas perderam um ponto de referência que estava naquele local, naquela família. No momento em que a família se rompe, passam a ser dois pontos de referência. Sou separada há cinco anos e os três primeiros foram difíceis para as minhas filhas. Agora, a relação delas com o pai está melhor. Talvez porque elas tenham amadurecido e conseguido se adaptar à situação em que vivem. Agora, elas fizeram com que o pai fosse bem mais atuante do que antes, quando, como a maioria dos homens, sempre deixava muitas coisas por conta da mulher. Hoje, a relação deles está bem mais madura.

Athamis: Você puxou um gancho bem interessante para quem ainda é casado falar. A gente tem muitos casais amigos que vivem juntos: marido, mulher, filhos — como disse a Débora, numa vida “normal”. Mas uma coisa me chama atenção: muitas vezes a gente não vê o marido, ou porque ele está trabalhando muito ou porque opta por um lazer diferente nos fins de semana. Se a criança chora à noite, ele ouve porque está ali do lado, mas eu nunca ouvi um deles reclamar por ter passado a noite acordado porque o filho chorou. Isso me dá a impressão de que o trauma não começa na separação, mas na relação das pessoas, na opção de vida. Eu conheço um monte de mulheres que não deixam o marido pegar o neném quando nasce, porque não sabe, vai quebrar a criança... Então, eu acho que, mesmo quando o marido quer assumir, a mulher tem uma participação importante nisso. Eu já ouvi mulher dizer que, para não perder os filhos nunca, ia cuidar deles sozinha. É interessante essa sua fala de que, depois de separado, ele assumiu mais, porque parece até uma nova forma de ver as relações entre pais e filhos.



ATHAMIS E IAN

Sofia: Meus pais sempre foram muito presentes, sempre me deram muito carinho. Eles se separaram há dois anos e meu pai foi trabalhar em Minas, mas ele vem ver a gente sempre que pode e faz surpresa aqui na Escola. Eles não se separaram muito amigos mas, sempre que é preciso, sentam para conversar sobre a gente. Minha mãe tem o namorado dela, meu pai tem a namorada dele. Mas eles nunca deixaram de assumir o papel de pai e mãe e acho que nunca vão deixar. Eu achava que eles nunca iriam se separar e foi um choque. O meu interesse pelo estudo aumentou e fiquei mais forte para conseguir superar tudo. Só tem uma coisa: a gente acha que não pensa mais nisso, mas quando vê na televisão uma família feliz ou um casal se divorciando, fica um pouco chateada porque lembra de uma relação que não existe mais.

Márcia: Eu queria trazer a discussão pra nossa realidade do São Vicente. A minha vivência é com crianças na faixa de seis, sete anos. Como a Escola pode tentar gerenciar esses conflitos todos? Isso depende de como os papéis, as regras e as funções da figura do pai e da mãe, naquela estrutura familiar, estão organizados. A questão dos valores, da cultura, do respeito, mudou. Quando começamos a discutir família, a primeira coisa que pedimos é para os alunos fazerem um desenho da família afetiva, aquela que mora com eles. Af eles desenharam o cachorro, a babá e a gente parte da idéia de quem cuida para desmistificar o conceito de família tradicional, que está nos livros didáticos e



na nossa formação de sociedade patriarcal, mas que não corresponde mais à realidade. O índice de filhos de pais separados que nós recebemos é muito maior, o que também exige de nós um cuidado muito grande para não discriminar o modelo tradicional. Como é que o aluno que tem o pai e a mãe vivendo juntos há muitos anos se sente no meio do grupo que está sempre falando na “namorada do meu pai”, “namorado da minha mãe”? Nós priorizamos a criança, ajudando-a a construir sua identidade como ser social. A gente parte dos laços afetivos para a instância da família por laços sanguíneos. Em março, nós comemoramos o aniversário do Colégio em sala de aula e resolvemos convidar pais ex-alunos. Uma das alunas tem uma madrasta e um padrasto que foram alunos daqui. Eu não conheço as famílias, não sei como são as relações e não sabia se isso daria uma briga danada. Acabei convidando também o pai e a mãe, que não vieram porque chegaram à conclusão de que não estavam dentro do critério estabelecido (ser ex-aluno). Vieram a madrasta e o padrasto, até porque, graças a Deus, todos se davam muito bem. Mas nem sempre é assim tão fácil.

Casamento infeliz X separação

Ian: Nas situações educativas, o que importa é a qualidade da relação dos pais e a consciência deles sobre seu papel educativo. Quando acontece uma crise que leva à separação, se os pais têm consciência, a separação pode ser menos traumática. Se o casal briga e usa os filhos para ter a maior parte dos direitos ou punir o outro, é infernal para a criança. Como contrapeso, você pode ter casais extremamente chatos, vivendo toda uma vida juntinhos, com má qualidade na relação pedagógica com os filhos, o que pode ser muito pior do que uma separação. É preciso olhar para a situação familiar específica e, qualquer que seja a crise, continuar a ser pai e mãe, jamais

desistir ou tratar a criança como uma arma. Realmente, no nosso círculo de amizades, a atitude da maioria dos pais é de uma grande ausência. No caso daqueles pais que, por machismo, deixam tudo com a mulher, a separação pode até se converter em uma coisa boa. Muitos se conscientizam de que é hora de participar, recuperando o tempo perdido para fazer melhor para o futuro.

Patrícia: Durante muitos anos nós repetimos, como uma máxima da psicologia, que, no fundo, o que a criança quer é ter o pai e a mãe juntos. Hoje sabemos que o que adoce não é a separação, mas as relações truncadas, confusas, às vezes perversas, a falta de amor. Os pais acabam colocando os filhos na posição de bola, pombo correio, ministro das relações exteriores, adido comercial. Eu sou terapeuta de família e já vi situações em que pais proibidos de visitarem seus filhos, por vingança das mães, ao reclamarem que têm o direito de verem as crianças, ouvem dos juízes de família: “Não, é o seu filho que tem o direito de ser visitado por você”. É uma mudança de postura. Quando os pais procuram o Colégio em situações em que não se entendem minimamente, eu digo para eles que brigar é uma forma de continuar casado. Quando o pai chega aqui e fala mal da mãe ou o inverso, na verdade, está falando da pessoa que ele escolheu para ser o pai ou a mãe daquela criança. Se o pai diz que a mãe é uma cretina e foi ele que escolheu, ou estava totalmente enganado e não é uma pessoa cujas escolhas devam ser confiáveis — e isso é uma coisa séria para a criança — ou a criança vai pensar que, se tudo é verdade, ela tem já metade da herança podre. Criança, em princípio, quer ter pai e mãe juntos sim, mas também, em princípio, quer ter o direito de ser criança. Briga de adulto é briga de adulto. Então, muitas vezes é melhor se separar do que viver no mesmo ambiente se engalfinhando.

Débora: Eu acho que isso está certo porque junto não significa necessariamente casado. Meus pais estão sempre juntos e têm uma relação muito boa. Meu pai está sempre comigo, passa na minha casa, como se fosse casado com a minha mãe. O estar junto tem a ver com união, bem-estar de todo mundo. Eu acho que essa coisa da vida da família vem muito da experiência deles como



filhos. Meu pai viveu uma situação muito complicada: meus avós eram separados e brigados. Eu acho que isso faz eles não quererem que eu passe por isso também.

Ajuda à família

Athamis: Eu ouço muitas pessoas que acabaram de se separar dizer que já colocaram o filho no psicólogo e eu sempre me pergunto: mas isso não é uma situação familiar? Não é o alicerce que tem problemas, não são os três, ou todos envolvidos naquela família? Não que eu descarte a presença do padre, vigário, pai de santo, psicóloga, mas é que o pai e a mãe também precisam de atenção. Muitas vezes as engrenagens ficam muito tempo sem funcionar bem porque entende-se que o filho é o único necessitado de óleo.

Patrícia: Quando você tem uma família com problemas e escolhe um membro para ir para o terapeuta, você não compartilha as responsabilidades e a tarefa de reconstrução. Apenas diz: “ele é o problema”.

Márcia: As pessoas estão cada vez mais individualistas e empobrecidas, com menos tempo e, conseqüentemente, menos qualidade de vida. Como parar e fazer essa reflexão de que, se meu filho está mal, será que não é porque eu também estou?





À DIREITA, MÁRCIA E MARIA CRISTINA

M. Cristina: Eu falei como mulher separada, agora vou falar como professora que trabalha com uma faixa etária de nove a dez anos, 4ª série. Diante da separação dos pais, os alunos têm várias formas de expressar: uns ficam agitados, outros inibidos, outros somatizam e estão toda hora na enfermaria. Chamamos os responsáveis para descobrir o porquê dessa mudança e, geralmente, acertamos: é um problema de separação ou doença na família. Com o passar do tempo, você percebe que esse sofrimento vai amenizando. As dificuldades que vêm depois disso são as questões das regras — diferentes em cada casa e na Escola — e do material escolar — que às vezes esquece “na casa do pai”. Você tem que ensiná-los a trabalhar com diferentes regras para diferentes lugares. Vou contar uma experiência que foi o meu maior presente em 25 anos de magistério. Tive um aluno muito difícil, que vive uma situação de separação mal resolvida. É uma criança que, desde a 1ª série, tem um histórico complicado na Escola porque desestabiliza o grupo. Todos os caminhos foram tentados, mas sempre com pai e mãe. Eu tentei com o aluno. O primeiro trimestre foi muito difícil, mas não tive nenhum outro problema com ele ao longo do ano. Eu sei que ganhei esse menino. O que eu quero dizer é o seguinte: já que a escola não consegue ter domínio sobre essa situação de separação que vai causar sofrimento na criança, acho que nós temos que atuar com o aluno, porque, se os pais não querem olhar de outra forma, você não pode invadir a privacidade deles e forçá-los a ter uma atitude que não querem.

Carentes de afeto e de dinheiro

Ian: O São Vicente é uma Escola de classe média. Eu e minha mulher trabalhamos com crianças carentes, que vivem em favelas ou na rua, onde

também acontecem muitos problemas de separações de famílias. Se uma criança aqui está numa situação traumática, eu fico indignado, pois trata-se de pais que tiveram muitas chances na vida e que têm meios de procurar intermediações para que a crise não vire nenhum trauma para a criança. As pessoas que vivem na favela não têm absolutamente nada. A gente vê que, na hora do desespero, a mãe fica sozinha com um monte de crianças. Quando nós começamos a trabalhar com crianças carentes, em 1992, um terço das famílias eram lideradas somente pela mãe, solteira, com papel econômico, educativo, tudo. E o pai desaparecido, morando com outra mulher ou procurando emprego em outro lugar. Em dez anos, esse número subiu para dois terços. Essa desestruturação da família, nas camadas mais pobres, é muito rápida e eu estou vendo isso acontecer também na classe média. Lá não tem psicóloga e nem professoras que mantenham a calma com mais de 50 alunos em sala, sem material nem salário. Algumas crianças chegam à nossa obra social na favela já com marcas de maus tratos, que muitas vezes param quando convidamos a mãe e ela se sente amparada para socializar o problema e procurar ajuda. Em qualquer ocasião, vale a pena tentar manter a parceria com a família já em fase de problema sem esquecer, no entanto, do seu direito de dizer: “não, isso não compete a mim”.

Athamis: Eu me lembro de uma situação que marcou a minha vida como mãe. Eu tinha passado sete meses para conseguir tirar a segunda via da carteira de identidade. Coloquei o documento em cima da mesa e minha filha, com dois anos, derramou café em cima. A vontade que eu tinha era de esganá-la. O Ian pegou a menina no ato e disse: “A gente vai passear”. Passou, eu não esganei ninguém e comentei isso com a educadora do trabalho social que a gente faz. Ela me disse: “Lá na favela onde eu moro, no dia seguinte essa menina ia aparecer no lixo”. Quando a gente não tem com quem compartilhar, realmente tem vontade de reagir, ou pelo modo como foi criado, ou porque não dormiu bem... Uma coisa pequenininha pode ficar imensa porque não existe o compartilhar com o outro!

Patrícia: Quando convidei a Athamis e o Ian, foi porque pensei que não basta

Fórum

amor para um belga e uma brasileira do rio Amazonas estarem juntos e criarem filhos. Com duas culturas tão diferentes, é preciso ter muita negociação. Eu acho que muitos casais se separam não por falta de afeto, mas porque não sabem negociar, se colocar no lugar do outro, se ouvir. E como não souberam negociar quando casados, quanto mais separados. Algumas situações são tão dramáticas que, ao ver a criança tão sofridinha, corremos o risco de ficar com raiva dos pais. Não devemos repetir um modelo que tanto criticamos: o pai fica bravo com a mãe, que fica brava com o pai, a criança fica triste e eu fico brava com o pai e com a mãe. E aí perdemos a capacidade de ajudar. Como instituição, a gente tem que ter muito cuidado em reconhecer o momento em que não está podendo ajudar por estar aborrecido.

Márcia: Além de 17 anos de São Vicente, eu tenho uma experiência anterior e paralela com Cieps, onde as crianças diziam que não gostavam de carne, porque nunca tinham comido. Hoje nós, da classe média, estamos mais empobrecidos, mas eu não via muita diferença, no sentido afetivo, entre os meus meninos do Cieps no Lote XV e os que eu tinha aqui. Porque aqui as crianças tinham viagens, presentes e família, duas festas e, no entanto, o que é fundamental, eram carentes. Então, eu volto a insistir na tecla da parceria com sabedoria, até onde é possível, e na humanização, na pedagogia da esperança de Paulo Freire, nisso que estamos fazendo aqui, que pode se tornar alguma coisa que vá ajudar muita gente, inclusive nós mesmos.■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



Aprofundando valores, formando cidadãos

No São Vicente, a Campanha da Fraternidade tem servido como fonte de inspiração permanente para o aprimoramento da chamada Pedagogia dos Valores, aquela utilizada por educadores escolares, organizacionais e sociais empenhados na formação de pessoas comprometidas individual e socialmente com valores (princípios normativos da conduta humana) que possam nortear um efetivo processo de construção de uma vida digna para todos. Este ano, a Campanha aborda o tema *Fraternidade e pessoas idosas*, tem como lema “Vida, dignidade e esperança” e mostra a preocupação da Igreja com a situação daqueles que chegam à velhice, enfrentando a rejeição e o preconceito de uma sociedade que idolatra a juventude, a beleza e a força física.

A história das Campanhas da Fraternidade

Em 1961, três padres idealizaram uma campanha para arrecadar fundos para as atividades assistenciais e promocionais da Caritas Brasileira. A atividade, realizada pela primeira vez em 1962, em Natal (RN), foi chamada Campanha da Fraternidade (CF) e, se não teve o êxito financeiro esperado, acabou gerando projeto anual dos Organismos Nacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado de acordo com a perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja em nosso país. Nacionalmente, o projeto foi realizado, pela primeira vez, em 1964. Desde a sua primeira versão, a Campanha da Fraternidade representa uma importante atividade de evangelização, promovendo a reflexão sobre problemas específicos que só poderão ser solucionados com a participação de todos. De acordo com a CNBB, a Campanha da Fraternidade, realizada sempre durante a quaresma, não deve ficar restrita aos momentos litúrgicos: “A promoção e a vivência da Campanha devem acontecer também na catequese, nos encontros de grupos de famílias, nos meios de comunicação social, em mesas-redondas, em palestras, seminários e cursos”, diz o texto da Conferência.

Segundo a CNBB, três fases marcam a escolha dos temas da Campanha da Fraternidade. A primeira durou até 1972 e nela foram abordados importantes aspectos para a renovação da própria Igreja e dos cristãos. Na segunda fase, que foi de 1973 a 1984, os temas mostravam a preocupação da Igreja com a realidade social do povo. Alguns temas dessa fase foram: *Fraternidade e Libertação* (1973), com o lema “O egoísmo escraviza, o amor liberta”; *Fraternidade no Mundo do Trabalho* (1978), com o lema “Trabalho e Justiça para todos”; e *Fraternidade e Violência* (1983), com o lema “Fraternidade sim, Violência não”. Na terceira, iniciada em 1985, os temas estão relacionados à reflexão da Igreja sobre as situações existenciais do povo brasileiro e abordam questões como fome (1985), habitação (1993), situação dos negros (1988) e das mulheres (1990) na sociedade, comunicação (1989) e problemas específicos dos seres humanos em suas diversas fases de vida: crianças (1987), jovens (1992) e, em 2003, idosos.

Trabalhando pela Pedagogia dos Valores

No início do ano, durante a Jornada Pedagógica do São Vicente, Pe. Lauro apresentou a Campanha da Fraternidade 2003 (CF-2003), lembrando que o objetivo da Campanha é “motivar todas as pessoas para que, iluminadas por valores evangélicos, sejam construtoras de novos relacionamentos e novas estruturas que assegurem valorização integral às pessoas idosas e respeito por seus direitos”, a partir do Ver — observando a situação dos idosos e seus problemas —, do Julgar — avaliando tudo que foi observado, — e do Agir — tentando encontrar soluções para o problema.

Após a mensagem do diretor, coordenadores e professores discutiram de que maneira cada disciplina poderia contribuir para o trabalho da Pedagogia dos Valores, baseada tanto na campanha vicentina da Globalização da Caridade quanto na Campanha da Fraternidade. Entre as propostas apresentadas, estavam a tolerância como tema transversal, a leitura crítica como metodologia, a utilização de diversas formas de linguagem para tratar o tema, a valorização do idoso por seu legado histórico e cultural, as questões da saúde e da alimentação relacionadas à preservação da qualidade de vida do idoso, o uso da observação como instrumento de análise da realidade, o uso de conhecimentos científicos e tecnológicos que possam solucionar os problemas da fome e do idoso e a orientação religiosa direcionada para o desenvolvimento do respeito a si mesmo e aos

outros. O primeiro passo para a operacionalização dessas propostas foi a realização de um fórum interdisciplinar sobre o assunto.

No fórum, realizado no dia 10 de março, nove educadores apresentaram os vários aspectos do tema, segundo diversas abordagens, seguindo uma linha de compartilhamento de saberes.

O idoso na História

No primeiro painel do fórum, a professora Patrícia Zanatta Brito apresentou a questão do idoso numa perspectiva histórica e mostrou que, ao longo do tempo e por diferentes razões, o termo idoso adquiriu várias concepções, indo do abandono, quando não conseguia mais cuidar de sua própria sobrevivência, à valorização, quando é visto como fonte e meio de transmissão oral do conhecimento e memória coletiva do grupo. Segundo Patrícia, a forma de considerar o idoso afeta sensivelmente a expectativa de vida em cada sociedade. Ela mostrou como isso mudou da Idade Média aos nossos dias e destacou a situação do idoso em nosso país. No Brasil, apesar de haver um histórico de respeito aos mais velhos, por conta da sociedade patriarcal, a situação do idoso ficou muito complexa pois, na sociedade capitalista atual, a produção ainda é mais valiosa que a sabedoria e o acúmulo de experiência. O Brasil ainda é um país jovem, mas que está envelhecendo depressa e precisa descobrir formas de integrar o idoso à sociedade. “Em sala de aula, devemos promover, de maneira transformadora, a idéia de que todos tendemos à velhice e que, até mesmo por isso, devemos estimular essa integração”, sugeriu Patrícia. Ela ainda mostrou algumas estatísticas que mostram que a expectativa de vida no mundo passou de 33,7 anos, em 1900, para 69 anos, em 2000, e que, hoje, enquanto na França ela chega a 89 anos, em Serra Leoa não passa de 37 anos.

Tempo, espaço e grupo social: família

Em nome da equipe da 1ª série do ensino fundamental, Márcia Vieira falou sobre o projeto que integra atividades relacionadas às ciências (árvore genealógica), à música (valorização de canções antigas), à informática (confeção

de cartões entregues aos avós), às artes (conceito de museu e de antiguidades), à educação física (brincadeiras antigas), à biblioteca (textos e histórias) e à religião (oração dos avós), cuja culminância é o “Encontro dos avós e bisavós, com a participação da família”, realizado há 12 anos no Colégio e que, este ano, mereceu uma atenção especial, por causa da Campanha da Fraternidade. No desenrolar do projeto, que também conta com a participação das Voluntárias da Caridade, as crianças são levadas a valorizar o passado, reconhecendo a importância do idoso na Família, e a aprender a lidar com os mais velhos, compreendendo suas deficiências e suas limitações. Leia mais sobre o projeto no final dessa matéria.



PATRÍCIA COSTA



ZEDU

lhhecimento natural, no qual a pessoa aprende a conviver com suas limitações, mantendo-se ativa até a morte”, explicou Rosa.

Quem canta seus males espanta

Depois da biologia, foi a vez da música. José d’Assumpção e Patrícia Costa mostraram os benefícios que a música pode proporcionar aos idosos. O professor José d’Assumpção fez um interessante trabalho de ritmo e percepção musical com os presentes que, atrapalhados com os exercícios propostos, sentiram o resultado desse tipo de atividade: entusiasmo, alegria, cooperação, acolhimento, entre outros. Sentimentos e atitudes que certamente favorecem um envelhecimento mais saudável. Patrícia Costa, por sua vez, falou de sua experiência como regente do Coral do Museu Villa-Lobos, do qual participam inúmeros coralistas da terceira idade. “Quando a gente trabalha com a leitura de uma pauta musical, percebe claramente que o idoso tem mais dificuldade de aprender que o jovem e que isso requer paciência por parte de quem ensina e perseverança por parte do aluno. Esse processo de aprendizagem, no entanto, é um importante exercício mental. E quando eles aprendem, a gente sente a alegria que isso dá”. Para Patrícia, o idoso que se envolve com música e canto recupera a auto-estima e a identidade perdidas durante o processo de envelhecimento. “A música provoca mudanças psicofísicas que nos levam muito perto da felicidade”, concluiu a regente.

A Igreja, a Bíblia e o idoso

A visão da Igreja e da Bíblia sobre os idosos foram os temas trazidos, respectivamente, pelos professores José Eduardo de Souza (Zedu) e Sérgio Turcatto. Lembrando da música “Por enquanto”, de Cássia Eller — “mudaram as estações, nada mudou...” —, Zedu falou que a Igreja espera que, como cidadãos, tentemos observar a realidade com o olhar do outro e, a partir daí, perceber de que forma podemos interferir nessa realidade, eliminando preconceitos que cercam os idosos e tornando a sociedade mais acolhedora, sempre com a idéia de que os mais velhos são um “bem

comum”, um patrimônio que deve ser preservado por representar nosso passado, presente e futuro. “Como educadores, temos a obrigação de chamar a atenção para a descartabilização do ser humano, tão presente em nossa sociedade”, disse, finalizando sua palestra com um trecho da música Epitáfio, dos Titãs: “Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer. Devia ter arriscado mais e até errado mais, ter feito o que eu queria fazer”.

A importância que a Bíblia dá aos idosos foi mostrada por Sérgio Turcatto, a partir de passagens sobre os patriarcas, todos homens de idade avançada, escolhidos por Deus para guiar seus povos e manter viva a imagem do Senhor, devido à sua sabedoria e experiência. Outra passagem citada foi a de Zacarias e Isabel que, pela graça divina, tornaram-se pais de João Batista numa fase avançada de vida. “O tempo da Bíblia também é diferente, não é o tempo real, pois ninguém atinge 400 ou 600 anos. O tempo representa um mecanismo de amadurecimento e nunca de degradação”, explicou. Para terminar, Sérgio fez com os presentes a oração da Campanha Fraternidade.

Mexa-se! Você pode mudar a vida

A tônica da palestra do professor Ricardo Oliveira da Silva, que trabalha com idosos há algum tempo, foi sobre a importância da atividade física para a saúde dos idosos. Ricardo ressaltou que é fundamental que se leve em consideração o que ele chama de “triângulo da boa forma”, trabalhando principalmente a força, tão necessária nas tarefas diárias, mas sem se esquecer da flexibilidade e da resistência cardio-vascular. “A atividade física é capaz de ‘quebrar’ o ciclo do



ROSA DE CASTRO

A biologia do idoso

A professora Rosa de Castro falou sobre aspectos biológicos, mostrando primeiramente a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) para envelhecimento — “prolongamento e término de um processo representado por um conjunto de modificações fisiomórficas e psicológicas ininterruptas à ação do tempo sobre as pessoas” — e ainda outra definição que diz: “envelhecer é um processo seqüencial, individual, acumulativo, irreversível, não-patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte”. Ela também falou sobre a preocupação da medicina em descobrir formas de deter esse processo, como o tratamento ortomolecular, cujo objetivo é a eliminação dos radicais livres que destroem as enzimas antioxidantes existentes nas células do corpo, e sobre a falta de comprovação de resultados nesse sentido. “Já que todos vamos envelhecer, é bom lembrar que senilidade e senescência são coisas bem distintas. Senilidade é um envelhecimento anormal, no qual o indivíduo perde a capacidade de viver uma vida saudável e ativa. Senescência é o envê-



RICARDO OLIVEIRA

envelhecimento (envelhecimento ⇒ inatividade ⇒ descondicionamento ⇒ fragilidade muscular esquelética ⇒ perda do estilo de vida independente ⇒ menos motivação e baixa auto-estima ⇒ ansiedade e depressão ⇒ inatividade física ⇒ envelhecimento), melhorando sensivelmente a qualidade de vida e as condições gerais de saúde e atenuando os efeitos 'negativos' da velhice", garantiu, completando: "O exercício é fundamental para um envelhecimento com dignidade".

Entendendo a terceira idade

Falar sobre os idosos e sobre como se deve agir em relação a eles foi a tarefa que coube às orientadoras Eleonora Caldeira e Maria Clara Borges. Eleonora começou citando Pikunas, um psicólogo que escreveu um livro sobre desenvolvimento humano. Segundo ele, a terceira idade se divide em duas fases: a da idade adulta avançada e a da senescência. Na idade adulta avançada, ocorre um declínio na saúde e no desempenho. Muitas vezes, a

pessoa sofre mudanças motivacionais causadas pela "síndrome do ninho vazio" — autonomia dos filhos e conseqüente fim da "desculpa" da falta de tempo para cuidar de si mesmo — e pela aposentadoria. Nessa época, é preciso manter o nível de desempenho e participação, principalmente pela busca de novos interesses, a fim de se manter ativo e funcional, sendo capaz de gerenciar a própria vida. Já na senescência, período mais tardio da vida, ocorre um declínio cognitivo, devido à perda do poder perceptivo e da memória, e uma conseqüente compensação na imaginação.

Apesar de os cientistas estabelecerem 65 anos como marco para a entrada na terceira idade, Maria Clara garantiu que não é bem assim: a idade está na cabeça de cada um, não há um padrão e nem todo idoso é igual, pois levamos para a velhice nossas características pessoais. "A forma como cada um encara a velhice depende de sua personalidade e do meio em que vive. A tendência é que uma pessoa alegre e otimista seja um idoso alegre e otimista e uma pessoa resmungosa seja um idoso resmungão, a não ser que alguma coisa altere significativamente sua qualidade de vida", explicou, lembrando que, mesmo sendo fragmentos importantes de nossa cultura e grandes fontes de sabedoria, na maioria das vezes os idosos, desvalorizados pela sociedade, acabam se sentindo inúteis. Isso leva ao estresse e a muitas outras doenças. Como recado final, Maria Clara deixou importantes sugestões de como devemos proceder com as pessoas idosas. "Permitir que o passado venha à tona, mostrando as conseqüências desse passado no presente, valorizando os relatos como instrumento de construção de uma cultura e registrando os depoimentos sempre que possível; estar junto nas emoções, ouvindo as queixas; valorizar os fatos festivos, como aniversários; capacitar o idoso para lidar com problemas práticos e psicológicos de um mundo em constante mudança; e ajudá-lo a elaborar um projeto de vida como sujeito-cidadão, buscando novos canais de participação, por meio de atividades físicas, culturais, artísticas e sociais ou até mesmo profissionais", aconselhou ela.

No final do fórum, algumas fontes de consultas e material de trabalho sobre o assunto — site da Universidade Aberta da Terceira Idade da Uerj (www.unati.uerj.br); livros como "O retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde e "Amor de novo", de Doris Lessing; e filmes como "Colcha de retalhos" e "Conduzindo Miss Dayse" —, disponíveis no site e no acervo do Colégio, foram sugeridas por Ester Levis, da Informática, e Tereza Guedes, da Biblioteca.

Água mole em pedra dura

Nossa responsabilidade de Educadores Vicentinos é muito grande. Pelos Seminários e Colégios que os Padres Vicentinos dirigiram no Brasil, já passaram seis Presidentes da República. Afonso Pena e Artur Bernardes estudaram no Colégio do Caraça. Juscelino Kubitschek estudou no Seminário de Diamantina. Jânio Quadros estudou no Colégio Paranaense Internato, em Curitiba, quando meu Pai também estudava por lá. Aqui no Colégio São Vicente, já passaram Fernando Collor de Mello, que fez conosco a primeira série do Ensino Fundamental, e Aécio Neves, que fez aqui o terceiro ano, preparando-se para a Universidade. Aécio, quando presidia a Câmara, foi Presidente dois ou três dias, numa das viagens de Fernando Henrique Cardoso e Marco Maciel, e nunca escondeu a ninguém sua ambição de vir a ser Presidente do Brasil.

Se, neste Colégio, um Aluno é literalmente "bombardeado", um ano inteiro, durante 11 anos seguidos, com o estudo dos temas propostos pelos Bispos do Brasil em seus estudos e documentos anuais, se um Aluno viveu 11 anos literalmente coberto com todo tipo de informações, debates, pesquisas, experiências, contactos, seminários, trabalhos de grupo, etc., sobre o tema da Campanha da Fraternidade de cada ano, duvido que esse futuro Presidente da República saia daqui sem nunca ter sido tocado por um pensamento de altruísmo, sem um mínimo de consciência social, sem um engajamento crítico na transformação do mundo, sem hábitos de solidariedade, sem preocupação com os empobrecidos, os excluídos, as massas miseráveis.

Nos últimos 19 anos, a Campanha da Fraternidade enfocou os idosos, os povos indígenas, as drogas, a dignidade humana e a paz, o desemprego, a educação, os encarcerados, a política, os excluídos, a família, a moradia, a juventude, o mundo do trabalho, a mulher, a comunicação, os negros, os menores, a terra, a fome. O tema de 2004 será a água.

Outro exemplo: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem publicado estudos sobre pontos capitais da realidade brasileira. Alguns documentos oficiais: n. 3, em favor da família; n. 10, exigências cristãs de uma ordem política; n. 17, problemas da terra; n. 18, valores básicos da vida e da família; n. 23, solo urbano; n. 31, os desafios do Nordeste; n. 36, por uma nova ordem constitucional; n.42, exigências éticas de uma ordem democrática; n. 47, educação e sociedade; n. 50, ética, pessoa e sociedade; n. 59, comunicação; n. 62, missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas; n. 65, Brasil-500 anos: diálogo e esperança; n. 67, eleições 2002, propostas para reflexão; n. 69, exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome.

Alguém que, além de ter estudado esses temas em História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Literatura, também aprofundou seus temas transversais na Biologia, na Física, na Química, na Matemática, no Inglês, e, além disso, se engajou no Grêmio, no jornal "O Elefante", nas campanhas de arrecadação de alimentos, de livros, de fundos monetários, participou dos domingões vicentinos, foi à passeata, participou do Fórum Social, aproveitou das excursões, leu mais que o caderno esportivo, viu mais que os filmes badalados, alguém que se comprometeu com a vida, com o futuro, com o mundo, com a responsabilidade social de quem pôde estudar num Colégio como o São Vicente, esse Aluno, essa Aluna, não será uma criatura alienada, vazia de tudo, cheia de nada. Se quiser subir na vida, vai consegui-lo tranquilamente, mas carregando consigo a responsabilidade de pôr a serviço dos outros, principalmente dos Pobres, o que pôde receber neste Colégio.

Não podemos omitir-nos. Mãos à obra, todos juntos, contra as pobreza e suas causas.

Pe. Lauro Patti, C. M.



Capa

Avó é mãe com açúcar

Sábado, 17 de maio, 9h da manhã. No pátio e nos corredores do primeiro andar começa uma movimentação diferente. Junto das crianças da 1ª série do ensino fundamental estão suas famílias: pais, mães, avós e algumas bisavós, todos ansiosos pelo momento de confraternização. Os avós orgulhosos de seus netos e os netos empolgados com a presença dos avós. Nas salas arrumadas com todo o carinho pelas professoras, a “mesa do chá”, organizada pelo Colégio, e a mesa do lanche comunitário, repleta de pães e bolos trazidos pelos alunos para receberem os convidados do dia. Nas paredes, cartões feitos pelos alunos e mensagens escritas pelas avós, falando sobre o que é ser avó ou bisavó: “Ser vovó é ter olhos renovados para perceber o mundo que renasce, a cada instante, num novo ser que anuncia uma nova esperança e um novo vir-a-ser. É extasiar-se ante o milagre da natureza que se ultrapassa na ânsia de jamais esgotar-se. É segurar nas mãos um novo instante, uma outra possibilidade que aponta para o incessante momento que nos levará rumo ao infinito”; “Ser bisavó é padecer no paraíso três vezes”; ou “Ser vovó é sentir a continuidade da vida. É ter alegrias imensas de participar do desenvolvimento dos netos a cada dia”. Outra “atração” da festa foi o museu, montado com peças do acervo das famílias e no qual as crianças podem ver uma série de objetos que não fazem mais parte de sua realidade. Tem máquina de escrever, ferro a carvão, lâmparinas, porcelanas antigas e muito mais.

Depois da agitação inicial, a festa começou com as boas vindas da Coordenadora Marlene Bluhm, que lembrou a todos que, além dos objetivos pedagógicos

da festa, havia os afetivos: “É a forma que temos de dizer a vocês, vovós, que nós nos lembramos de vocês”. O passo seguinte foi a sempre esperada “entrevista das avós”, na qual os alunos têm oportunidade de ouvir os mais velhos contarem coisas do seu tempo e podem conversar animadamente com gente que tem muita história de vida. Como era namorar na sua época? Como era a cidade naquele tempo? Como eram as brincadeiras da sua infância? Nas respostas, muitas recordações do tempo em que não havia tanta tecnologia e comer biscoito com goiabada, tomando guaraná, era motivo de festa; muitas mensagens de otimismo e esperança para o futuro; muitas risadas com as lembranças engraçadas que vão surgindo; e muita emoção. “Antes de o meu marido morrer, aos 97 anos, um dia eu lhe perguntei se ele sabia que dia era aquele. Ele não lembrava e eu disse: ‘é nosso aniversário de 67 anos de casamento’. Ele pegou a minha mão com carinho, olhou para mim e disse: ‘Sessenta e sete anos de felicidade’”, contou dona Nyssia, bisavó da Ana Campos Pinto, que também explicou, orgulhosa, que seu nome tem origem mitológica; “Eu sou como uma colcha de retalhos, formada por coisas que aprendi diariamente ao longo da vida e tenho o privilégio, que muitos não têm, de ser respeitada pela minha família”, confessou dona Elyanna Niemeyer, avó do Vinicius; “Para uma avó, participar da vida da neta é a melhor coisa do mundo, pois para o idoso é muito importante ter responsabilidades. Ninguém gosta de ficar à parte do mundo”, lembrou dona Maria Helena Morgado, avó da Luisa Morgado.

Mas, como em festa não pode faltar música, a chegada do professor Jeferson com o seu violão nas salas foi mais um motivo de agitação. Afinadas e concentradas, as crianças não pouparam suas cordas vocais para

homenagear as avós. Ao final das músicas, mais um afago no coração dos avós, com a entrega de uma rosa a cada uma. Depois das entrevistas, o lanche de confraternização e a despedida, com um sorriso ainda maior do que o da chegada.

“Essa festa é muito importante porque traz a família para a Escola, principalmente os avós, que ajudam a construir a própria história das crianças e que muitas vezes ficam esquecidos pela falta de tempo dos pais. A Campanha da Fraternidade nos ajudou a ver o idoso não como aquele homem do passado, mas como aquele que ainda estará presente no futuro, na medida em que participa da educação dos netos e bisnetos. O Colégio não educa os alunos, quem educa é a família. O Colégio é colaborador nesse processo e por isso esse evento se torna ainda mais especial. Não é à toa que os professores se entregam de corpo e alma à organização da festa, indo muito além do que o salário paga”, diz Marlene Bluhm.

Sobre a Campanha da Fraternidade, a palavra final fica por conta de dona Nyssia, com a autoridade de seus 93 anos e meio, como faz questão de dizer, e cercada pela filha, pela neta e pela bisneta: “Eu acho a Campanha muito bonita porque os idosos merecem uma palavra de conforto, de afeição. Quando alguém me faz um carinho, não pode imaginar como aquilo ajuda a viver. Para as crianças, nos dias de hoje, em que o mundo está com os valores todos negativos, a palavra dos mais velhos é muito importante. Eu não desisto e falo muito com os netos e bisnetos. Estou sempre alertando para que eles tenham uma vida como nós tivemos, uma vida maravilhosa, na qual as pessoas eram respeitadas” ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

“E sta é a minha casa. Não estou indo embora”.

Assim Pe. Maurício responde a qualquer comentário sobre sua saída do São Vicente. Há quem diga que ele foi aos pouquinhos, amenizando a saudade, no melhor estilo “nada de despedidas”. Mas, longe ou perto, todos concordam em que o Colégio São Vicente é a casa que ele modificou, tornou mais bonita e alegre; e onde imprimiu uma religiosidade descontraída e humana.

Foram sete anos no Colégio, primeiro como observador, depois como diretor administrativo, no lugar que ficou vago com a morte de Pe. Domingos Faria. Agora, Pe. Maurício está retomando aquela que foi sua primeira e mais marcante experiência de vida consagrada e que concretiza a sua opção pelo carisma vicentino: o trabalho com os pobres, nas missões.

Sensibilidade social

Maurício Paulinelli nasceu em Bambuí, cidade do interior de Minas Gerais. Fez curso técnico em agropecuária e topografia e começou uma licenciatura curta na área de agronomia. Mas a experiência que foi, nas suas palavras, a “verdadeira universidade”, ele teve mais adiante, meses depois de se formar como técnico.

Pode-se dizer, sem medo de errar, que, antes do apelo religioso, Maurício experimentou uma grande sensibilidade social. Ainda menino, participava de grupos de reflexões com jovens vicentinos da paróquia local. Interessou-se especialmente pelo trabalho da Sociedade São Vicente de Paulo, cujos membros, leigos, inspirados na vida do santo patrono, visitavam pobres e doentes, principalmente na colônia de hansenianos de Bambuí.

Perguntado sobre por que virou padre, ele ri, brinca com a expressão “virar”, olha para o teto, faz um breve silêncio pensativo e conta uma história. Ele tinha 19 anos e foi trabalhar como agrotécnico no norte de Minas num projeto que tinha tudo para dar certo. Da parte dele, realmente deu, ganhou dinheiro e reconhecimento, mas alguma coisa não saiu a tempo e a obra parou. Cumprindo ordens superiores, Maurício, então um menino que experimentava sua primeira aventura longe de casa, foi o responsável por mandar os operários, trabalhadores

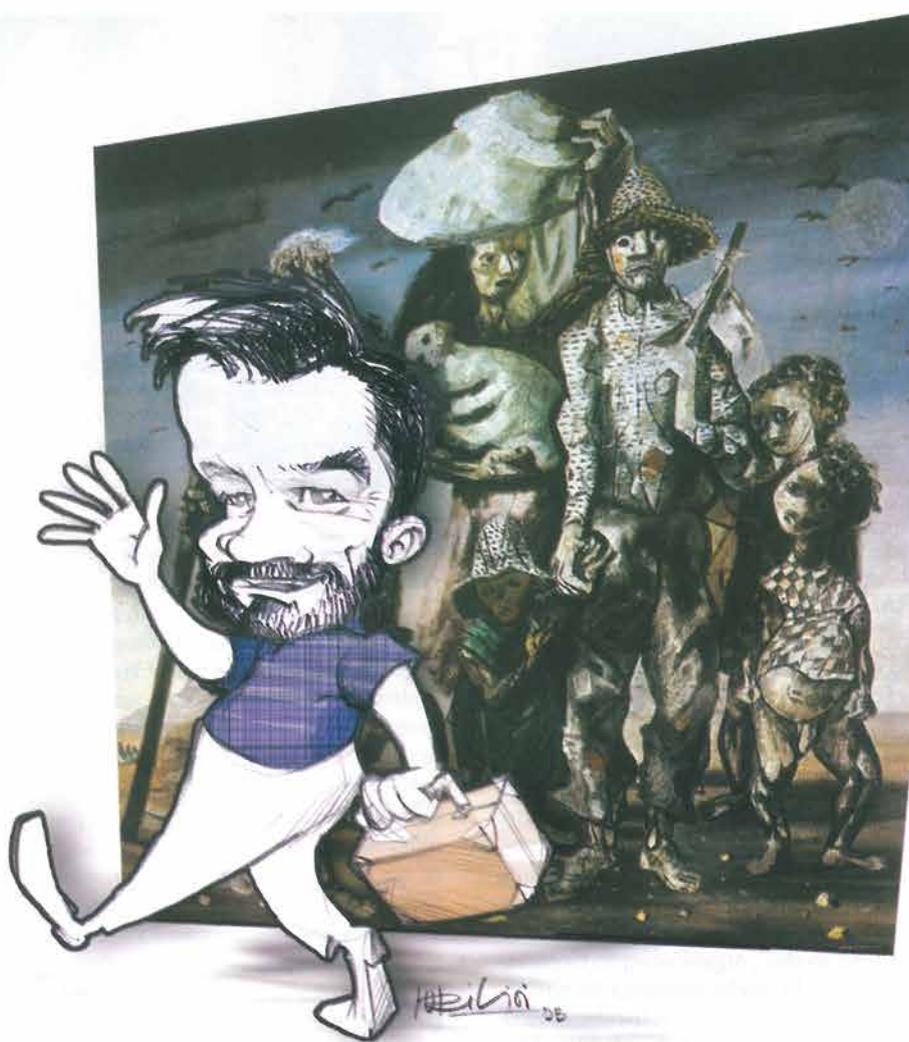
migrantes, embora. Era um bando de gente, em farrapos, que saíra de casa cheia de esperança e agora demonstrava o desespero de voltar de mãos vazias. Ele assistiu àquele grupo de homens andando pela estrada, sem sequer poder providenciar um transporte que os levasse à cidade. E foi uma cena que ele nunca conseguiu esquecer. “Chego a ficar arrepiado quando me lembro disso”, justifica-se. Dizer que essa história o fez entrar para a vida consagrada seria uma simplificação grosseira. Mas esse evento, tão coerente com o perfil do homem que ele se tornou, fortaleceu sua preocupação humanista e lhe rendeu uma verdadeira paixão pela série “Retirantes”, de Cândido Portinari.

Administrador, homem, padre

Essa é a história do padre, amigo, administrador, educador que todos no Colégio São Vicente aprenderam a admirar. Um homem com reconhecido bom gosto musical, apaixonado por “Chão de giz” e, ao mesmo tempo, dono de uma coleção completa de discos de um certo Ray Douglas, cantor do sertão

nordestino. “É um horror!”, diverte-se Rosa de Castro, professora de Ciências e integrante do Projeto Cocos desde o início, que se tornou amiga pessoal de Pe. Maurício, de quem ganhou de presente dois discos do cantor. Corajoso, empreendedor, polêmico, sem papas na língua, exigente, perfeccionista, ansioso, engraçado, franco, bom, às vezes bravo. “Eu me pareço cada vez mais com meu pai. Quando tenho algumas certezas, luto por elas e às vezes sou bruto e incisivo sem perceber. Mas não guardo mágoas, esse é só o meu estilo de lutar pela vida”, explica. E, divertido, conclui com uma frase pouco provável para um padre: “Adoro uma briga”.

Quem conhece Pe. Maurício sabe que a briga em que ele mais entrou na vida foi pelo ser humano. “Acredito que o homem tem sempre uma tendência para o bem”, resume. Vera Bonfim, professora de português do São Vicente, o define como “a encarnação mesmo do padre, sinônimo de caridade”. Lauro Basile, professor de teatro do Colégio e companheiro do projeto Cocos, expressa um sentimento coletivo quando o classifica como daquelas



peças “que se fazem gostar pelo seu modo de agir, de ser e de estar no mundo”. “Ele é, sobretudo, um professor que troca com seus alunos lições sobre a vida”, conclui. Rosa confessa: “Muitas vezes me indaguei como seria o coração de um padre missionário que se preocupa tanto com tudo e com todos. Aos poucos, descobri, por trás do semblante sério, que esse coração é movido por afeto e sonhos repletos de objetividade. Sonhos que se traduzem em muitos atos concretos que marcaram sua atuação no Colégio”.

Atos que mudaram a cara do São Vicente. Reformas, sinalização, mobiliário novo. “Ele mudou tudo, de cima a baixo. Ficou lindo e melhor para as pessoas viverem e para a gente trabalhar”, conta Rosenildo Gomes, atual chefe dos serviços gerais, cargo para o qual Pe. Maurício criou eleições. Agenildo dos Santos, que foi o primeiro a ocupar essa função, faz coro: “A administração dele foi excelente. Não adianta me perguntar um defeito dele, eu não sei responder”.

Cristina Rodrigues, que foi quem trabalhou mais próxima do Maurício administrador, garante que ele tornou o ambiente mais dinâmico e agradável.

“Ele mudou até o jeito de a gente trabalhar: exige relatórios, coerência e transmissão das informações. Quer transparência em tudo”, diz. Segundo ela, na sua administração, salta aos olhos uma marca da sua natureza: a preocupação com a saúde e com o bem-estar dos funcionários. Sem contar que ele é dado a entender de decoração...

Apesar de todos esses feitos, Pe. Maurício diz que não gostaria de ser lembrado como o “padre obreiro”. “Dei de bicudo no pedagógico, no acadêmico, na pastoral, na espiritualidade, nas celebrações. Tentei investir numa estrutura de participação de todos, com diálogo, acreditando na construção dos conteúdos de forma partilhada”, explica. Quando veio para o São Vicente sem cargo definido — um ano e meio de “borboleta”, como ele diz —, sua função era aproximar mais a obra Colégio das outras obras da Província. Sete anos depois, ele deixou de herança muitos ensinamentos pedagógicos; um grupo crescente de missionários leigos contagiados por ele, com atuação em Cocos; muita colaboração na Educação de Jovens e Adultos; e palavras e mensagens importantes, como a da celebração pelo último aniversário do

Colégio (ver pág. 11). E ainda tem as tais obras. Por tudo isso, Pe. Maurício não precisa se preocupar com a fama de “padre obreiro”: o São Vicente não lhe cometeria tamanha injustiça.

“Déjà vu”

Agora ele foi montar outra casa, em outro lugar. Embarcou numa experiência que mais parece uma refilmagem do seu próprio começo. Em 1982, meses antes de ser ordenado padre, ainda como diácono, Maurício foi enviado para Carinhanha, cidade próxima de Cocos, para uma obra missionária. Hoje, está começando tudo de novo, iniciando uma nova missão em Riacho Fundo 2, nos arredores de Brasília, com o mesmo companheiro de 21 anos atrás, o Pe. Getúlio Grossi. Aos 48 anos, ele vai cursar de novo aquela que considera sua “verdadeira universidade”: o trabalho pastoral, solidário e político, com os pobres e necessitados, aqueles que, ao decidir ser padre vicentino, ele elegeu como os seus. “Vou feliz”, garante.■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



NO MAIS, ESTOU INDO EMBORA... “Chão de giz” (Zé Ramalho)

(...) A gente viu você chegando bem mineiramente. Ouvia, olhava, assuntava e, de repente, falava. E de palavra em palavra foi nos mostrando que dá para ter uma escola onde o pedagógico caminha de mãos dadas com o administrativo. (...)

Vamos lembrar de você quando nos referirmos ao Projeto Pedagógico da Escola: sua insistente luta por uma educação que só é possível através da construção social e do diálogo; luta para ampliarmos os limites do que temos em comum e de nossas diferenças, sempre indo além do exercício verbal. Assim, Cocos foi possível! Muitos de nós, que habitualmente ensinamos, tivemos a chance de aprender.

Vamos lembrar de você nas reuniões de Conselho Pedagógico e de Coordenação. Deve ter sido complicado trabalhar com uma equipe de coordenadores predominantemente feminina e tão antiga na Casa. A questão é que, além de mulheres, muitas vezes somos superprotetoras. A denúncia vinha rápido. No nosso cotidiano, você nos mostrou que as dificuldades, as contradições e os confrontos, longe de separar, unem e libertam!

Vamos lembrar de você no dia do Educador (...), nas comemorações de Páscoa e de Natal. No carinho na organização das festas, no cuidado com as escolhas das lembranças. Em todas as confraternizações, você estará presente! Atento, irônico, irreverente, suas observações por vezes nos desconcertava mas era impossível não ceder ao riso.

(...) Seu tempo conosco acabou, pelo menos por agora. Ficamos com estas lembranças e muitas outras.

Pe. Maurício, muito obrigada! E, fazendo questão do lugar comum, até breve!

Patrícia Rubim
Psicóloga e coordenadora do SOE do CSVP

ETC...

UMA DÉCADA de BOA MÚSICA

“Cantando a gente é mais feliz”. Há uma década, alunos, professores, pais e amigos do São Vicente ouviram essa frase, que Patrícia Costa, professora e regente de alguns corais do Colégio, não se cansa de repetir. No dia 10 de abril, na festa de abertura das comemorações pelos dez anos dos corais do CSVP, a frase era quase uma constatação.

A festa durou três dias e envolveu os coros do Colégio e convidados. A abertura dos eventos ficou por conta do diretor, Pe. Lauro Palú, que leu a cada dia um poema de sua autoria situando o canto como uma arma contra a guerra. Em harmonia com esse clima de solidariedade, o ingresso para as apresentações era um quilo de alimentos não-perecíveis, que foram doados ao Dispensário São Vicente de Paulo.

Viagem no tempo

Na primeira noite, o coral do Ensino Médio apresentou a peça “Eu sei que é apenas *rock and roll*, mas eu gosto”. Com a encenação de um roteiro bem elaborado e a apresentação de 11 músicas — adivinha em que ritmo? — o grupo contou a história de uma paixão juvenil pelo *rock*. Dentre outros, estavam no programa The Who, Pink Floyd, The Mamma’s and the Pappa’s, Mutantes, Roberto e Erasmo e, claro, muito Beatles.

Vestidos de jeans e preto, alguns com óculos no estilo John Lennon, eles falaram — e cantaram — do que houve de melhor e de pior no *rock and roll*. Sem preconceitos, divulgaram a mensagem do compositor e pesquisador Tom Manoff: “A boa música é, simplesmente, aquela que leva o ouvinte a um estado mais elevado da sua existência”. No final, os alunos ainda sortearam alguns exemplares do CD gravado no aniversário de cinco anos do coral.

No dia seguinte, um auditório lotado assistiu às apresentações do premiado coral

São Vicente a Cappella e de um grupo con-vidado, o coro de Câmara Pró Arte, do qual Patrícia faz parte. Separados, os dois coros apresentaram um repertório variado, com músicas profanas e religiosas, contemporâneas e antigas — remetendo até à Renascença. Quando o coro convidado cantou em russo, o regente, Carlos Alberto Figueiredo, brincou: “Você não vão entender nada, mas podem acreditar que estamos cantando o Pai Nosso”.

No final, depois de homenagear as preparadoras vocais Malu Cooper, do São Vicente, e Veruschka Mainhard, do Pró Arte, e o regente Carlos Alberto, os dois corais cantaram juntos o “Pater Noster”, de Albert de Klerk. A platéia pediu bis. E ganhou.

No último dia de festa, 12 de abril, foi a vez do Sabadão Vocal. Depois da Feira do Trabalho, sob a regência de Patrícia, apresentaram-se os corais do ginásio, do ensino médio e o São Vicente a Cappella; o coral dos amigos do São Vicente foi regido por Malu Cooper; e, como não podia faltar, o coral Loas e Luas, regido por Norma Nogueira, fez as crianças do ensino fundamental soltarem a voz. Uma das grandes surpresas do Sabadão foi a montagem do Grande Coral do São Vicente, que reuniu coralistas e ex-coralistas.

Para completar a programação, a turma que cantou no primeiro dia, confessando a paixão pelo *rock and roll*, deu uma mãozinha na palestra do professor Fernando Castro sobre a história desse gênero musical.

Rock, MPB, música sacra. Do século XXI ou da Idade Média. Não importa. Há dez anos, o São Vicente abriu as portas para a música trazida por Norma Nogueira e Patrícia Costa. Na festa de aniversário, dos pequenos aos grandes, passando pelos que já se despediram, ninguém foi esquecido. E todo mundo teve certeza de que, cantando, o Colégio ficou mais feliz.■



PATRÍCIA COSTA HOMENAGEADA
NO ANIVERSÁRIO DOS CORAIS

CANTO DE GUERRA

Do sapo um dia se disse
que ele não pula por gosto,
mas pula por precisão.
Quando eu vejo a velha guerra,
caduca e descabelada,
não posso calar mais, não.

Não canto apenas por gosto,
mas canto por precisão.

Quando o juízo enlouquece,
quando se apaga a razão,
quando mais forte que o justo
falam a bomba e o canhão,
quando nem Deus reconhece
o rumo em que as coisas vão,

não canto apenas por gosto,
mas canto por precisão.

Cantem alguns por dinheiro,
outros riam sem razão,
morram jovens se matando,
caiam as cruzes no chão,
as certezas agonizem,
já não valendo um tostão.

Não canto apenas por gosto,
mas canto por precisão.

Eu canto porque preciso
ser justo para lutar,
eu canto porque desejo
humanizar e salvar,
eu canto para que os outros
possam dançar e cantar.

Não canto apenas por gosto,
mas canto por precisão.

Rio de Janeiro, 25 de março de 2003
Pe. Lauro Palú, C. M.



REPROVAÇÃO NÃO É O FIM DO MUNDO



Não se pode negar: a reprovação sempre causa enorme decepção aos alunos, pais e professores. O que é preciso entender, no entanto, é que aquilo que, à primeira vista, pode parecer muito negativo e ruim, nem sempre o é de verdade. Apologia à reprovação? De jeito algum. O que queremos é refletir um pouquinho sobre o assunto e ver o quanto é possível fazer da reprovação uma experiência, no mínimo, proveitosa.

UMA PARADA OBRIGATÓRIA

Repetência não é sinônimo de incompetência. Na realidade, o fracasso (ou o sucesso) de um estudante jamais poderá depender de uma só variável. Ele é o resultado de um todo e para cada indivíduo tem um significado. Difícil é vencer o binômio professores pessimistas/alunos derrotados. O que desejamos é que o professor, em vez de pessimista, assuma uma postura profissional confiante e madura e que o educando recupere sua auto-estima e esperança.

Rafael Behrend Szabó foi reprovado na 1ª série do Ensino Médio, mas no mesmo ano participou da seleção do Programa de Vocação Científica (Provoc) na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), candidatando-se a um estágio de um ano em um dos vários laboratórios daquela renomada instituição. Aprovado na seleção, Rafael começou o programa com entusiasmo e, em junho do ano seguinte, apresentou seu trabalho sobre moluscos para colegas, professores e pesquisadores da Fiocruz.

Mesmo tendo sido reprovado, nosso aluno se inscreveu para o Programa Avançado (mais 18 meses de estágio). A coordenação do Provoc nos questionou, aqui no Colégio, se Rafael daria conta da exigência do Avançado e da sua vida acadêmica. Não tivemos dúvidas e apoiamos seu desejo de dar continuidade ao Provoc. Sabíamos do potencial do Rafael. Além do mais, nesse meio tempo, ele cantou no coral, foi eleito representante de turma, mostrando-se mais desinibido e seguro. Finalmente seus talentos afloraram! Hoje, o futuro cientista segue com sua rotina de estudos na Escola e na Fiocruz. Seu orientador no Provoc está muito contente com seu desempenho e a coordenação do Programa com frequência o elogia e reconhece que valeu a pena ter apostado nele.

Rafael é um exemplo de que repetência pode ser um momento de “parada obrigatória”. Momento em que as pessoas envolvidas na educação refletem em comum sobre sua ação também comum, para ver o que é preciso retomar e em que rumo é preciso avançar. Momento de assumir que o conteúdo escolar não é apenas o rol de matérias, mas também habilidades, hábitos e valores. ■

Patricia Rubin
Psicóloga do CSVP e representante da Escola no Provoc



VOCÊ PODE APRENDER COM OS ERROS

A reprovação sempre é desagradável. “Perder” o ano, o dinheiro das mensalidades, transporte, etc. Mas, já que aconteceu, por que não tentar fazer com que seja menos desagradável?

Eu repeti a 1ª série do Ensino Médio em 2001 e senti muito a falta dos meus amigos da ex-turma, mas encarei de tal forma que pudesse ter uma boa base para o Ensino Médio e, conseqüentemente, prestar um bom vestibular. Na nova turma, fui muito bem recebido e fiquei amigo de muitos.

No mesmo ano em que fiquei reprovado, estava iniciando o estágio do Programa de Vocação Científica (Provoc) da Fiocruz, através de um convênio com o Colégio São Vicente de Paulo. Fiquei preocupado e temi o cancelamento do mesmo. O estágio não só não foi cancelado como também tive no ano seguinte o meu projeto de pesquisa aprovado para fazer a segunda etapa do Provoc (avançado). Consegui aproveitar a oportunidade única que tive e aprendi que errar também é bom.

Durante todo esse período, fui aprendendo com os meus erros e acredito que tenha amadurecido. Os obstáculos estão por todos os lados. Caso você esbarre em algum, levante a cabeça e siga em frente, pois errar é humano. Como diria Fernando Pessoa: “Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. ■

Rafael Szabó
(turma 2A)

GENTE NOVA NO P

A volta das férias, no começo do ano, é sempre um momento de rever os amigos e matar as saudades de todos aqueles que compõem o que podemos chamar de nossa 'segunda família'. Também é hora de se deparar com algumas caras novas e tentar, aos poucos, conhecer os novos membros da comunidade, fazendo com que eles se sintam em casa. Com o intuito de facilitar o entrosamento, mais uma vez, a **chama** serve de palco para que os novos professores do Colégio possam se apresentar e dar o seu recado. Que todos sejam bem-vindos!

Com Deus no coração

Natural de Bom Jesus do Itabopana (RJ), Sinara de Almeida Vaz dos Santos resolveu ser professora aos 14 anos, quando se apaixonou pela língua portuguesa. A paixão a levou ao Curso Normal e, posteriormente, à faculdade de Letras e a dois cursos de pós-graduação. Chegou ao São Vicente em 2003, assumiu a turma 12 do Ensino Fundamental, e confessa que ficou encantada com o ambiente acolhedor que encontrou no Colégio. Adora o carinho que recebe dos alunos e a possibilidade de poder formar grandes cidadãos, contribuindo para a construção de um mundo mais justo. Dedicada e persistente, tem o temor a Deus como prioridade de vida e como princípio de

respeito ao próximo. "Fico impaciente ao ver que o mundo sofre por desconhecer a palavra de Deus".

Todos têm algo a dizer

Ana Cristina da Silva Freitas Barbosa, professora da turma 24, é caloura no Colégio, mas carrega consigo 20 anos de experiência na profissão, que escolheu quando ainda era aluna do curso primário e teve uma professora que proporcionava aos alunos muitos encontros na sala de aula e fora dela. "Foi assim que descobri que queria ser professora para o resto da minha vida", conta, acrescentando que nada se compara ao brilho do olhar das crianças em suas descobertas. Acredita que na partilha das idéias formamos nossa consciência crítica e nos entendemos como cidadãos e tem sempre em mente as palavras do escritor uruguaio Eduardo Galeano: "Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais".

Ouvinte e falante

Sincera, brincalhona, carinhosa, estudiosa, "ouvinte", distraída, menos organizada do que gostaria, "falante" e gulosa. É como se define Maria Isabel Dias Cabrera, ou simplesmente Bebel, que veio para o São Vicente em 2003 para dar aula de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia para a 3ª série do ensino fundamental (T. 31).

Maria Isabel nasceu no dia 13 de dezembro e, aos 33 anos, ainda acredita — "correndo o risco de ser piegas", como ela mesma diz — que o importante na vida é sorrir sempre. Apesar de ter outra atividade profissional (corretora de seguros), ela garante que

é no magistério que se realiza e se completa. "Ser professora é estar no palco e na platéia, é ensinar e aprender, tudo ao mesmo tempo, sempre", afirma, lembrando que o importante é escutar e não somente ouvir; olhar e não somente ver; conversar e não somente falar.

Professora por acaso

Carla Andréa Benício Rocha ensina Ciências para os alunos das 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, desde setembro de 2002. Sua dedicação é tanta que nem parece que ser professora não fazia parte de seus planos quando entrou para a faculdade, decidida a ser bacharel em genética. No 3º período, no entanto, foi dar aulas em um pré-vestibular comunitário e achou a experiência fascinante. Acabou saindo da faculdade como licenciada em Ciências Biológicas. "Ainda na faculdade, encontrei uma ex-aluna que havia sido aprovada para o curso de Letras e agradeceu muito a colaboração. Naquele instante, descobri o que eu queria para a minha vida", conta.

Aos 24 anos, garante ser responsável, fiel, carinhosa, persistente e ciumenta. Para ela, o importante é ser feliz, se possível fazendo as pessoas mais felizes também, e saber amar. "Amem! Amem a si, amem o próximo, amem a Deus! Amem a vida!", recomenda.



Do amor aos livros à sala de aula

O gosto pela leitura levou Luciana da Silva Gomes para a faculdade de Letras, onde a opção de ser professora acabou se manifestando naturalmente. Hoje, aos 29 anos, como professora de Língua Portuguesa para as turmas de 6ª série do ensino fundamental, acredita que seu papel é o de desenvolver a capacidade de comunicação de seus alunos, trabalhando o discurso como forma de socialização e despertando em cada um o prazer de ler e escrever. Pessoalmente, ela se acha responsável, ética, amiga, solidária, atenciosa, sincera e um pouco perfeccionista demais, características que, sem dúvida, contribuíram bastante para que, em 2001, fosse homenageada na formatura de uma turma de 8ª série da escola Olga Mitá. De bem com vida, ela crê que a felicidade quer o contentamento do outro, respeita sua liberdade e aceita sua diferença. Para seus alunos, um recado: “Eu acredito estar, de alguma forma, participando de suas vidas e contribuindo para que conquistem seus sonhos. E estarei disposta a ajudá-los no que for preciso”.

Uma doce mandona

Ela se chama Maria Lúcia Andrade Cabral e leciona Língua Portuguesa para as turmas de 5ª série. Nasceu no dia 20 de maio e acredita que, como uma legítima taurina, seu maior defeito é ser muito mandona, mas, ao mesmo tempo, sincera, amiga e batalhadora. Quando criança, adorava contar as histórias que lia para a irmã mais nova, sempre acrescentando novos fatos, outros personagens e outros desfechos. A paixão pela leitura determinou uma escolha profissional da qual não se arrepende e que cuida com muito carinho por acreditar que todos colhemos aquilo que plantamos. “Acredito que educar seja um dom. Um dom que precisa ser trabalhado, enriquecido com a busca pelo conhecimento e renovado a cada dia. Amo minha profissão!”

Amor incondicional ao Inglês

Ivo de Sá Freire também faz parte do time de Inglês do ensino médio. Aos 36 anos, se orgulha de ter dado aula em Londres e confessa seu fascínio pela língua inglesa, por meio da qual acredita poder se comunicar com qualquer pessoa no mundo. Entre suas qualidades, destaca: honestidade, perseverança, liderança e criatividade. Também se considera exigente e perfeccionista. Seu lema de vida é: “aproveite intensamente cada momento porque esse momento acabou de passar”. Para quem ainda não o conhece bem, ele deixa um recado, em inglês, como já era de se esperar: “If you need me, just call my name and I’ll be there”.

Muuuito falante mesmo

Se você adora um bom papo, pode procurar pela professora Regina Paula de Almeida, que dá aula de Inglês para o ensino médio e se define como alegre, “muuuito” falante e boa amiga e que escolheu ser professora por se considerar uma eterna estudante. Nascida em 5 de janeiro de 1965, ela leva a vida com a certeza de que, como disse Fernando Pessoa, “tudo vale a pena se a alma não é pequena” e na profissão coleciona grandes recordações. “Eu dou aulas de inglês para pessoas humildes num curso preparatório para o Vestibular. Em pleno carnaval, um ex-aluno me parou no meio da rua, me abraçou e contou que havia passado para a UFRJ. Ele agradeceu muito as aulas e as conversas sobre a universidade. Foi emocionante!!!”.

No São Vicente, ela está adorando a experiência, mas garante: “Vai ficar melhor ainda!”.

O teatro em boas mãos

Mário Sérgio Lima Medeiros nasceu no dia 2 de dezembro de 1955, numa família de educadores da qual herdou o gosto de ensinar e aprender. Do ensino público, traz boas lembranças do tempo em que era diretor de um Ciep, no Programa Especial de Educação. No São

Vicente, dá aula de Arte, Cultura e Comunicação para o ensino médio. Para quem não o conhece, ele diz ser generoso, justo, compreensivo, determinado, muito exigente e, de certa forma, um pouco impaciente com a “burrice”. A afetividade é também uma forte característica para alguém que acredita que toda forma de amor vale a pena. Como profissional, ele afirma que o caminho da Educação no Brasil passa pela compreensão do processo cultural de seu povo e, por isso, não se cansa de dizer: “Vamos compreender e fazer arte”.

Professor e catequista

Claudicélio Rodrigues da Silva, ou simplesmente Cláudio, como é chamado carinhosamente por colegas e alunos, é um dos professores de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Vontade de partilhar conhecimento, gerar o novo e rever conceitos de vida foram algumas das razões que levaram esse maranhense de 27 anos a escolher o magistério como profissão, e as lembranças da realização de um projeto de valorização educacional e religiosa para jovens das Comunidades Eclesiais de Base (Cebs) da zona rural no município onde nasceu, um dos motivos que tornam a escolha inquestionável. De Drummond, ele tira o lema de uma vida que leva com determinação, dinamismo, alegria, coragem e companheirismo: “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo!”. ■



notas

Viagens educativas ganham prêmio

O Colégio São Vicente de Paulo foi homenageado, em 2002, com o Troféu "Destaque em Turismo", por oferecer aos alunos visitas, viagens, excursões pedagógicas e recreativas da melhor qualidade, com enfoque nos aspectos culturais. Exemplos desses passeios educativos são as cidades históricas, o Caraça, Arraial do Cabo, sítios arqueológicos, dentre outros.

A solenidade de entrega do prêmio aconteceu no Teatro do Sesi, auditório da Firjan, no dia 16 de dezembro de 2002, patrocinada pela Rumo Promoções, com indicação de João Francisco Frighetto, da Educatur. Marlene Bluhm, da equipe dos coordenadores comunitários, recebeu o troféu em nome da Direção, com a incumbência de transmitir aos professores os parabéns pelo esforço e dedicação nesta área do seu trabalho.

MARLENE BLUHM AO CENTRO



EM PÉ, SEBASTIÃO E MARCOS; SENTADOS, JEAN E EDUARDO: A TURMA DA PORTARIA



Novas dependências

Foi inaugurada, no início do ano letivo de 2003, a nova portaria do São Vicente, totalmente reformada. A sorridente equipe de porteiros aprovou essa que foi uma das últimas obras da administração de Pe. Maurício e está trabalhando ainda mais satisfeita, recebendo os Pais, Professores, Funcionários e visitantes do Colégio

Educação continuada

Em 2002, o professor e coordenador do São Vicente Artur Motta apresentou e teve aprovada pela PUC-Rio sua dissertação de mestrado em Educação, intitulada "Protagonismo Juvenil no Ensino Médio". Orientada pela prof^a. Vera Candau, a dissertação já teve seus desdobramentos em palestras e artigos apresentados pelo autor que iniciou, ainda no ano passado, seus estudos para o doutoramento, na mesma instituição.

Pesquisa na Escola

Não se espante uma legítima pesquisadora, com prancheta e lápis na mão, abordar você no São Vicente. A imagem pode ser estereótipo, mas a situação é real. Trata-se de Cristiane de Oliveira, pedagoga que está desenvolvendo pesquisa sobre "Relações entre famílias e escolas" para sua dissertação de mestrado, pela PUC-RJ. Com o consentimento da direção e das coordenações do Colégio, a pesquisadora vai aplicar um questionário a alguns professores e pais de alunos das 1ª e 5ª séries do ensino fundamental. O objetivo da pesquisa é, segundo ela, "investigar o processo de escolha de escolas da rede privada de ensino por famílias de diferentes camadas da classe média". Os instrumentos utilizados serão entrevistas, questionários e análise de documentos.

Troca de experiências

A coordenadora das 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental do São Vicente, Marlene Bluhm, foi aprovada no concurso da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) e assumiu a função de supervisora na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana.

Depois de trabalhar na coordenação do São Vicente, Marlene ainda vai, à noite, batalhar na outra escola, levando o que o São Vicente já lhe ensinou e trazendo ao nosso Colégio o que uma escola pública pode nos ensinar. Parabéns!

Eleições do GRECO

Chapa única, mas eleições não menos democráticas. Este ano, o Grêmio do Ensino Médio só teve dois partidos concorrentes e um deles desistiu na última hora. Os alunos Raul Branco, Marina Praça, Laura Amaral, Pedro Vicente, Laura Addor e Mariana Saad, que compõem a nova diretoria, participaram de debate e apresentaram suas propostas. "A Chapa" tomou posse no dia 2 de maio, com mais de 72% de apoio.



CSVP no Escolas-Rio

No dia 12 de abril, 17 professores e coordenadores do São Vicente participaram da palestra da psicopedagoga Heloísa Padilha, pelo Projeto Escolas-Rio. O encontro, que contou com quase 400 participantes, aconteceu no auditório do Colégio Zaccaria. Durante três horas, Heloísa falou sobre o tema “O possível, o real e o necessário: os paradigmas da sala de aula”, que gerou muitas perguntas e depoimentos. “Ela soube aliar muito bem os aspectos teóricos com as questões e exemplos de sala de aula. Contextualizou a pós-modernidade, com a desestruturação da família, dos meios de comunicação, dentre outras coisas, e apresentou os problemas e as soluções, sem receita de bolo”, diz Nina Cunha, coordenadora pedagógica. Segundo ela, a palestra foi tão bem recebida que o Colégio pretende multiplicar seu conteúdo, distribuindo as anotações do evento para todos os professores.

Nova exposição do Caraça

Em março e abril, Pe. Lauro Palú apresentou 23 poemas e 265 fotos de criaturas humildes e fantásticas do Caraça, o grande e o absolutamente insignificante. Como um dos diretores de comunicação da Associação de Ex-Alunos Lazaristas e Amigos e Amigas do Caraça (AEALAC), vem apresentando cada ano uma ou duas exposições do Santuário e de seus tesouros naturais. Pe. Lauro comentou: “São fotos de um janeiro chuvoso (2003), cheio de cogumelos, reflexos, musgos, sombras azuis inesperadas e arco-íris. As lembranças são de quando estudei lá, em criança, e de minha constante admiração por aquela natureza e aquele modo de ser. Tentei ser paciente, saí buscando, perguntei-me, fui quase teimoso. Meu objetivo, ao mostrar tudo isso? Estimular o olhar e a fantasia dos Alunos e de seus Professores, despertar alguma vocação artística ou científica. O que expus? Paisagens do Santuário, em especial a colina dolorosa do Calvário, e pequenas séries: a fauna, samambaias, neblinas, as formas e cores extraordinárias dos cogumelos, cachoeiras, corredeiras, a barragem transbordante do Tanque Grande, enchentes do rio, espumas, musgos, líquens, flores (as orquídeas), troncos, trepadeiras, madeiras violentadas e a vida que recomeça, apesar de tudo. E as teias de aranha! Vendo os jacus, pensei: *Esse vermelho, uma gala que não tenho. Este tremor, esta alegria, eles têm?* Tento responder a algumas perguntas: Os reflexos são janelas no chão? Para onde vão os reflexos quando a água seca? A saudade é o que fica doendo/brilhando na gente? Musgos são espumas das pedras? As espumas são musgos das águas? O passado muda com as lembranças, como a paisagem com a neblina? Os cogumelos são a febre ou os sonhos coloridos da terra? O que mais nos surpreende? As samambaias e as orquídeas barrocas? A biodiversidade ou a imaginação (o carinho) de Deus?”



Oficinas de artesanato

O Grauninha está promovendo, a partir de maio, oficinas de artesanato com objetivo de angariar fundos para as obras sociais das quais o comitê participa. Os cursos oferecidos são de fuxico (arte de produzir peças de decoração e vestuário a partir de retalhos de tecido), argolinhas de lata (que viram bolsas, tiaras, cintos), origami (dobradura de papel) e restauração de brinquedos.

A idéia é que as peças artesanais produzidas durante as oficinas sejam vendidas nas feiras e bazares realizados pelo São Vicente. O dinheiro será destinado ao Dispensário São Vicente de Paulo, à Creche Cristo Redentor, às Voluntárias da Caridade e à Associação de Apoio às Crianças com Neoplasia (AACN). Os brinquedos restaurados serão doados às crianças carentes assistidas pelo Grauninha.

As oficinas acontecem toda terça-feira, das 18h às 19h, no subsolo do Colégio. Alunos, professores, funcionários, pais e pessoas da comunidade em geral podem participar. Informações com as professoras Noêmia ou Edna.

Perspectivas e realidade

Sessenta e duas domésticas, 15 donas de casa, 13 porteiros, sete babás, cinco faxineiros, seis auxiliares de serviços gerais, quatro balconistas, três desempregados, dentre outros. Um originário da região Sul do Brasil, 66 do Sudeste, 12 do Norte e 115 do Nordeste, além de um estrangeiro, vindo de Portugal. Esse é o resultado de um levantamento feito em abril deste ano com uma amostragem de 195 alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do São Vicente. São pessoas vindas das classes sociais mais baixas, que não tiveram direito à educação regular e hoje podem cursar o ensino fundamental. Há algum tempo, no entanto, está sendo discutida a criação de um ensino médio para que esses alunos possam continuar seus estudos num curso técnico ou até mesmo tentar chegar à universidade.

Traçando o caminho

Depois de muita discussão, o grupo de trabalho formado para tratar do assunto — Pe. Lauro, Artur Mota, Nina Cunha, Hélcio Alvim e o coordenador da EJA, José Fernandes — chegou a quatro caminhos possíveis.

O primeiro é deixar tudo como está, oferecendo apenas o ensino fundamental e orientando os alunos interessados para que continuem seus estudos em algum colégio estadual. O segundo é criar cursos profissionalizantes em nível de ensino fundamental, como atendente de enfermagem, noções básicas de eletrônica e preparatório para garçom. O terceiro é criar um ensino médio tendo como professores alunos e ex-alunos do ensino regular, sempre com tutoria de professores profissionais. Nesse caso, o Colégio não emitiria certificado, ofereceria o ensino e o apoio necessários para que os alunos pudessem receber o diploma do estado. Por fim, a quarta opção é criar o ensino médio regular, profissionalizante ou não, com professores contratados.

Embora pareça ideal, a última hipótese apresenta um grande problema: o alto custo para o Colégio. A idéia de trabalhar com voluntários como profes-

sores vem sendo testada com conteúdo do ensino fundamental, por meio do projeto de monitoria.

Entre o sonho e a realidade

Um projeto importante como esse requer, além das providências práticas, uma séria discussão sobre o que é melhor para os alunos da EJA: um diploma técnico ou curso superior? Conhecimento prático ou formação regular? Um pouquinho de sonho ou pura realidade?

“Acredito que as pessoas têm o direito de sonhar e de estudar até o fim da vida. Sei que isso é difícil e que o ensino que damos à noite não é o suficiente. Devemos formar pessoas autônomas, aptas a pensar e a optar pelo vestibular ou não. O que não podemos é vedar essa opção e dizer ‘Você não nasceu para isso’”, diz Hélcio. E conclui: “Acho que por trás do discurso de que para essas pessoas basta o ensino fundamental pode estar uma visão ideologicamente distorcida de que ao pobre está reservado ser uma boa empregada ou um bom porteiro”.

Há quem ache que a questão passa mais por questões como praticidade e tempo. João Carlos Martins, professor de inglês da EJA, diz que se deve incentivar os alunos a terem metas a curto e a longo



prazo. E, ao falar em tempo, ele faz as contas: “O tempo total para a pessoa se formar, incluindo o curso superior, é de 16 anos, em média. Ora, a maioria dos alunos da EJA está buscando uma formação com atraso e não pode esperar todos esses anos para melhorar sua situação sócio-econômica”. Ele também defende um conteúdo mais prático e próximo da realidade dos alunos: “Desgosta-me ver aquele esforçado público que temos, aprendendo coisas como geografia da Ásia, equações biquadradas e coletivo de animais como lobo e camelo”, confessa, completando: “Eu acho que as pessoas são iguais em valor pessoal e dignidade, como filhos de Deus e seres humanos, mas não são iguais em capacidade, formação, cultura e, principalmente, disponibilidade de tempo. Portanto, devem ser tratadas diferentemente”.

Até hoje, a EJA vem trabalhando na interseção de todas essas questões e isso gera, de forma saudável, mais perguntas do que respostas. Num documento que situa o conhecimento como fator decisivo na sociedade atual, José Fernandes sinaliza para a criação do ensino médio, apontando os desafios de hoje e de amanhã: “Como ajudar nossos alunos a se conscientizarem de que o conhecimento global, interdisciplinar, universal, concreto, técnico mesmo, é indispensável na nova visão de trabalho que se delinea para o futuro? Como ajudar nossos alunos a uma verdadeira auto-estima dentro de um trabalho humano, honesto, na descoberta de novos valores pessoais, não apenas numa perspectiva de ganhar mais dinheiro? Como relacionar os conteúdos de nossas disciplinas com a dimensão do trabalho como construção do mundo e da sociedade?”. A discussão está no ar e dela depende o futuro desses adultos que vieram para o São Vicente em busca de uma segunda chance. ■

Os filhos que à casa voltam

A Associação de Ex-alunos do São Vicente (Aexa) já é uma realidade e um grupo de antigos alunos está trabalhando com objetivo imediato de atrair mais simpatizantes para essa causa, que já reúne cerca de 35 pessoas. Para organizar as ações, foi eleita uma diretoria provisória que conta atualmente com sete membros. Além disso, os outros participantes se dividiram em comissões com os seguintes temas: comunicação e programação visual; promoção social; objetivos institucionais; eventos; relações externas; e revisão dos estatutos — a única que já concluiu os trabalhos.

O primeiro projeto já está em andamento. Trata-se de um site — produzido por dois membros da diretoria provisória —, no qual os ex-alunos vão poder informar e serem informados, um espaço de divulgação, debate e, sobretudo, (re)encontro.

A logomarca já foi criada e a estrutura de conteúdo está sendo montada. A idéia é que o site estimule a participação de todos e que contenha as famosas fotos das turmas que se formaram no São Vicente e, futuramente, exposições temporárias de fotos de eventos que envolvam os ex-alunos, como as já tradicionais festas comemorativas dos dez anos de formatura. “O objetivo final é promover o reencontro dos ex-alunos, amigos que se perderam com o passar do tempo”, diz Carlos Weber, um dos membros da diretoria e pai de um aluno do São Vicente, com a autoridade de quem mantém, até hoje, o círculo de amizades que construiu no Colégio, de onde saiu há 25 anos.

Enquanto a página da Aexa não fica pronta, os interessados podem se cadastrar no site do próprio Colégio (www.csvp.g12.br).

Muitas formas de participar

O esforço do Colégio em retomar a Associação de Ex-alunos vai além do desejo de matar a saudade. Em primeiro lugar, há a preocupação com a formação continuada. “Nosso objetivo é formar agentes de transformação social e isso não deve se esgotar nos 11 anos que o aluno passa na Escola”, explica Hécio Alvim, coordenador comunitário. A valorização dos professores, que revêem seus ex-alunos e descobrem os resultados pessoais e profissionais daquilo que ensinaram, é outra boa razão para reunir a família.

Além disso, os antigos alunos, hoje profissionais, podem oferecer muitas contribuições práticas ao Colégio como, por exemplo, a criação de um banco de empregos, por meio do qual sejam contratados estudantes do Colégio, principalmente aqueles da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e o apoio pedagógico. O São Vicente entende que ninguém melhor do que os antigos alunos, hoje inseridos no mercado de trabalho, para promover um processo de retroalimentação e constante avaliação dos conteúdos desenvolvidos pelo Colégio, trazendo sua experiência da vida profissional e propondo mudanças e ações. Para esse fim, a Aexa, tal como a Associação de Pais e Mestres (APM) e o Grêmio, tem cadeira no Conselho Pedagógico que reúne semanalmente professores e coordenadores.

As formas de participar são muitas e variam de acordo com a motivação de cada um: “Tenho apego ao Colégio. E acho que ele abre campo para se fazer muita coisa, principalmente na área social. Participando da Aexa, estou também agregando valor ao meu filho”, explica Carlos Weber.■

Dez anos depois...

No dia 21 de dezembro do ano passado, a turma que se formou no São Vicente em 1992 se reuniu para a tradicional festa de reencontro. Do Colégio, participaram os professores Paulo Nascimento (Educação Física), Heloísa Carvalho (Orientação Educacional) e Artur Motta (Coordenação Acadêmica), que sentiu no ar um clima de discreta, gostosa e saudável saudade. “A impressão foi de que aquele tempo formou homens e mulheres, acima de tudo, felizes”, comenta Artur, lembrando que nas recordações dos antigos alunos destacaram-se os relatos de casos engraçados e a memória de pessoas que marcaram todos, entre professores, funcionários e alunos.

Na atualização das informações, os professores ficaram satisfeitos em saber o rumo que tantos deles deram às suas histórias. “Quanto ao futuro”, completa Artur, “foi muito bom percebê-los fazendo planos pessoais e profissionais para a felicidade sua e dos outros”.■



Formandos 2002

Meu filho no São Vicente

Início este depoimento contando, com muita alegria, que meu filho foi aprovado nos exames do vestibular de duas universidades federais, sem ter frequentado cursinho preparatório ou recebido aula particular de apoio. Mas essa não foi a maior contribuição que recebeu do São Vicente nos seis anos em que cresceu e se educou respirando o ar e bebendo a água viva do espírito da cristandade vicentina.

Como educar para a solidariedade e o respeito ao próximo em tempos tão bichudos de rivalidades, desigualdades e furiosa competição? Como cristianizar sem impor sanções, mandamentos e normas engessadas de conduta? Essas respostas o São Vicente encontrou na simplicidade do trato individualizado que consegue dar a cada aluno de turmas numerosas e na proximidade e acompanhamento atento e solidário que cada um deles recebe dos que ali

estão para apoiá-los e assinalar-lhes caminhos e atalhos mais do que para conduzi-los ou liderá-los. Sabemos que a rotina desgasta, o esforço repetido cansa, o tempo em forma de prazo e a complexidade da tarefa a cumprir tensionam. Aqueles que no São Vicente têm a função de ensinar ou de organizar as atividades dos alunos sabem estar um passo ao lado deles, acompanhando sem puxar ou empurrar; orientando e abrindo o caminho da aprendizagem sem pressionar ou atemorizar com bloqueios às vezes irrecuperáveis. Sobre tudo, sabem avaliar para formar e não para selecionar.

(...) Houve falhas, altos e baixos, idas e vindas. Mas até nos percalços que ele, nós (seus pais) e professores e coordenadores enfrentamos, tivemos lições de compreensão, solidariedade, humildade e afeto que ficaram para sempre em nossos espíritos.

Da formação cristã que recebeu, ficou nele o segundo e mais cristão dos mandamentos: "ama o teu próximo como a ti mesmo". Aprendeu a ser verdadeiro, companheiro, compreensivo e amigo de seus colegas e a respeitar o próximo como sempre foi respeitado nesta Casa. Sobre tudo, aprendeu a ser solidário e a compartilhar. Por iniciativa própria, ofereceu-se como monitor para trabalhar "ad honorem" no ensino fundamental que a Escola proporciona de forma assistencial no horário noturno. Por tudo isto, só tenho a agradecer. Sei que para um professor o melhor que pode acontecer é constatar que o aluno aprendeu, compreendeu e introjetou aquilo que lhe foi ensinado e que é recompensador saber que contribuiu marcadamente na formação de um "bom caráter".

Marta Maria Fadel de Daschien

Minha filha no São Vicente

Minha filha Helena ingressou no Colégio São Vicente em 2000, no 1º ano do ensino médio. Suas primeiras reações foram de certa dificuldade de adaptação aos colegas, muitos dos quais já vinham juntos há vários anos e tinham os grupos de amizade formados. Como ela já tinha vivido situação parecida outras vezes, não me preocupei muito. E creio que o tempo me deu razão. Helena concluiu o ensino médio em 2002 e foi aprovada no vestibular para arquitetura da UFRJ, de modo que ainda estamos comemorando a alegria que nossa filha nos deu. Mas esse não é o único motivo de alegria. Os três anos do ensino médio são período de enorme transformação. Os desafios da educação são grandes pois a contribuição dos pais se dá de forma muito

diferente da fase anterior. Agora, lhes ensinamos menos o que para nós são certezas e discutimos mais sobre dúvidas, alternativas, possibilidades, conseqüências de liberdade, exercício do livre arbítrio. Creio que o Colégio São Vicente teve importante e positivo papel nessa fase. Em primeiro lugar, cito a insistência no papel transformador que cada um de nós deve assumir. É um ponto sobre o qual minha filha não comenta. Mas fico esperando para ver o que ela terá a dizer mais tarde, já com distância que permita julgar melhor os anos no Colégio. Em segundo, devo mencionar a confiança que minha filha tinha no trabalho da coordenação. Por várias vezes fui chamado para discutir o que fazer com as notas baixas e sempre encontrei uma coordenação conhe-

cendo bem a situação do aluno e habilidosa no trato com o adolescente. A visita ao Caraça foi outra atividade que deixou marca na lembrança. Quanto à questão das "panelas", a reclamação não me parece procedente, pois noto, há alguns meses, mesmo depois de se formar, que, quando lhe pergunto aonde vai, recebo a resposta de que vai sair com o grupo do Colégio. Helena vive hoje um momento que me parece de paz interior e segurança. É claro que o resultado do vestibular ajuda, mas isso é fruto de sua formação, para a qual o Colégio São Vicente contribuiu de forma decisiva. Ao Colégio, meu reconhecimento e admiração.

José Pontes

TURMA 3º A

▶ Alice Müller Reed ▶ Ana Carolina Alves ▶ Ana Luísa Foster Vidal ▶ Beatriz Graciosa Germano Santos ▶ Bruna Pinna Sousa ▶ Bruno Omena Devoto ▶ Camila Barros de Castro Giacoia ▶ Cecília Corção de Salles ▶ Clarice Arantes Martin ▶ Daniel Braghirolli Serrano ▶ Danilo Marques da Silva Godinho ▶ Debora Rangel de Moraes Valente Fernandes ▶ Eduardo Cunha de Magalhães Couto ▶ Felipe Seeling Segui ▶ Fernanda Pirmez Magalhães ▶ Guilherme da Veiga Stutz ▶ Guilherme Ferreira Fontenele Fernandes ▶ Gustavo Pirá Carvalho ▶ Hélder Henrique de Mattos Carvalho ▶ Helena Avzaradel ▶ Joana Melamed Izar ▶ João Antonio de Souza e Silva ▶ João Marcelo Pereira Daltrio ▶ João Marcos Viana de Quadros Bittencourt ▶ Julia Davet Pazos ▶ Julya Wei Chem Hu ▶ Leticia Magalar Martins de Souza ▶ Marcela Braga Santoro de Meneses ▶ Maria Fernanda Rebello Horta ▶ Marina Cardoso Pereira ▶ Nicola de Campos Worcman ▶ Paula Regina da Silveira Scarlati ▶ Pedro Ballesté Struchiner ▶ Pedro Ivo de Almeida Mendes ▶ Rafael Reed Sperling ▶ Rafaela Bisacchi Coelho Corrêa de Oliveira ▶ Roberta Wilkinson Graser ▶ Rodrigo Naegeli Gondim ▶ Vivian May da Silva Dias Alves de Sant'anna



TURMA 3º B

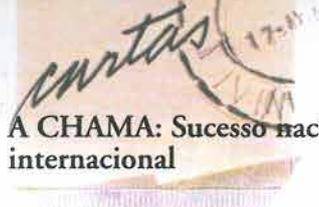
▶ Amanda Luz Sant'anna ▶ Ana Maria Fonseca Federman ▶ Arthur de Souza Medeiros Coelho ▶ Bernardo Sanches Lopes Vianna ▶ Bruna de Frias Rodriguez ▶ Caetano Andrade de Luna Pedrosa ▶ Camila Sartié de Carvalho ▶ Carolina Ziegler Neves ▶ Clarissa Falcão Rebello ▶ Daniel Abrahão Amor Divino ▶ Daniel Montenegro Creso ▶ Filipe Russo Ribeiro ▶ Guilherme de Souza Costa Franqueira ▶ Juliana Celeste Neiva ▶ Julio Cesar Costantini Junior ▶ Leonardo Levis ▶ Luana Ferreira Espinola de Lemos ▶ Lucas Schulze Rodrigues ▶ Luis Paulo de Aquino Mendes ▶ Marcelo de Sá Barboza ▶ Marcelo Marinho Cecchetto ▶ Marcelo Neder Cerqueira ▶ Marcos Heilbron Chripim ▶ Pablo Cabral Soares ▶ Pedro Costa Prado de Oliveira ▶ Pedro de Lima Roitman ▶ Pedro Salgueiro Telles Ribeiro ▶ Pedro Santos Cruz ▶ Priscilla Muniz de Resende Salgado ▶ Renata Bley da Silveira de Oliveira ▶ Renato Deris Prado ▶ Silvia Trindade Morand Bentes ▶ Talita Nehab Hess ▶ Tatiana do Nascimento V. de Atrajou ▶ Tomás André da Costa Batista ▶ Victor Fontes Pereira da Cunha



TURMA 3º C

▶ Alexandre Maia Lessa Bastos ▶ Alice Novaes Santos ▶ André Torres Mielnik ▶ Bruno Cabus Marchon ▶ Bruno Emílio Fadel Daschieri ▶ Bruno Guagni Marcovaldi ▶ Carolina Marteleto de Alvarenga Bastos ▶ Clara Cunha de Carvalho ▶ Clara Dias Moreira da Silva ▶ Conrado Castro de Carlos ▶ Gregório Ortiz Diehl ▶ Helena Junqueira Schmidt Pontes ▶ Isabel Alverga-Wyler de Nonno ▶ Isabel Costa Mattos de Castro ▶ Isabel de Almeida Távares ▶ Joana Terra de Moraes ▶ João Gabriel Ocampo Lyra da Silva ▶ Julia Albuquerque Penna Franca ▶ Julia Simão Liberati ▶ Leonardo Nabuco Villa Forte ▶ Livia Souza Breves da Rocha Santos ▶ Luiza Dias Carneiro Schuback ▶ Marcelo Abreu dos Santos Tourinho ▶ Marcelo Loureiro Parahyba ▶ Maria Pandolfi Guerreiro ▶ Martin Coachman Dias ▶ Pablo Hanna ▶ Paulo Mauricio Pereira Macedo ▶ Pedro Ariel Menezes Meirelles ▶ Pedro Pereira Nunes ▶ Pedro Thomé Romano ▶ Renata Picanço Schanuel ▶ Tamara Rocha Ribeiro Sanches ▶ Tatiana Ferreira Wainer





A CHAMA: Sucesso nacional e internacional

Pe. Lauro,

Estava de passagem pela Casa Paroquial de Contagem e vi a revista "a chama"; comecei a olhar as páginas e não resisti... li toda a revista e a apreciei muito. O que preciso fazer para recebê-la? Além de me informar, ela poderá ser útil para minhas aulas, pois tem bons subsídios.

Elson Flávio Perez

Belo Horizonte - Minas Gerais

Prezado Pe. Lauro,

É sempre com muita alegria que recebo a revista "a chama". Parece que me vejo pequenina, de uniforme, cantando o Hino Nacional, às segundas-feiras, no pátio do Colégio. São sempre lembranças de um tempo gostoso envolto com esperança de um futuro promissor. Adorei a poesia "Rima rica e rima pobre".

Cristiana Reinert Barroso

Ipanema - Rio de Janeiro

Lauro,

Recebi e agradeço a "inextinguível"... Parabéns, muito boa! Obrigado. O sorriso da Nina, a elegância da Kedma, a "serelepice" dos vários Vicente de Paulo (!) captado pelos meninos, o colorido múltiplo e a alegria de todos!

Pe. Geraldo Humberto Venuto, C. M

Belo Horizonte - Minas Gerais

Prezado Pe. Lauro,

Quero dizer-lhe do prazer de ter recebido mais um exemplar de "a chama", revista que me é muito cara, por se tratar da representatividade de um Colégio que apreciei grandemente, apesar dos tempos polêmicos nos quais havia equívocos freqüentes sobre a Educação Libertadora. (...) não só folhiei a revista, como também li-a de um só fôlego, não deixando de perceber a mudança de conversão do "espírito" do Colégio, que, agora, na tônica da globalização da caridade, não fica somente na teoria da filantropia, mas partiu para a prática real do amor fraterno e cristão, no espírito de São Vicente, Patrono do estabelecimento. Causou-me surpresa e alegria seu cartão de Natal, em que estampou umas crianças de favela respirando os ares mais purificados do pátio do recreio, como prova evidente da globalização vicentina da caridade cristã e bastante envolvente, como se viu e por mim foi percebido, da primeira à última página. Grato!

Pe. Sílvio Batista Martins, C. M

Recife - Pernambuco

Muy querido Padre Palú,
sentí mucho que no pudiera acompañarnos en la Asamblea, por primera vez desde hace muchos años. Me hizo falta, aunque comprendo perfectamente que ya no es su rol y que además tiene un trabajo enorme en la escuela. Sé que todo va muy bien por allá y estoy segura de que cada día le ocurre algo nuevo para mejorarla. Me encantó la revista que me envió, porque da a conocer con toda claridad el trabajo que realizan, el espíritu que los anima y la importancia de crear una verdadera comunidad educativa. Lo felicito y le pido al Señor que los siga iluminando.

Patricia Palacios de Nava

(ex-Presidente da Associação Internacional de Caridades - AIC)

San Luis de Potosí - México.

Cher Père Palú,

Hier j'ai non seulement reçu votre e-mail mais aussi "a chama", votre bulletin qui m'a donné une bonne impression de votre vie qui me semble riche de joie, de vie, mais aussi chargée d'une grande responsabilité pour les jeunes qui vous ont été confiés. Merci, et merci aussi pour vos bons vœux.

Anneliese Sturm

(Presidente da Associação Internacional de Caridades - AIC)

Herne - Alemanha

Querido Pe. Lauro,

Recibí ayer la revista de tu Colegio, "a chama". También recibí en octubre la de septiembre, cuando llegué de Pechón. Me gustaron mucho las fotografías, las palabras, el anochecer, el Cristo, etc. He tenido que estar con el diccionario para traducir muchas palabras, pero lo he entendido casi todo. Me gustó mucho la poesía "O surfista". También es muy bonita la de "Rima rica y rima pobre". ¡Que siga tan contento y feliz!, que aunque no escribes, deduzco por lo que leo en las revistas.

Pilar Mesones Tuñón

Santander - Espanha.

Caro Padre,

grazie per la rivista: ho potuto vedere un poco a quali compiti la chiama il Signore e avere un motivo di più per ricordarla nelle preghiere. Molti cari auguri.

Maria Pia Foglia

Lugano - Suíça.

Thanks, Lauro, for the copy of "a chama". I am happy to see you as full of vigour and zeal as you were in the 1980's—

early 1990's when you worked with and supported me so loyally and generously.

Richard McCullen, C. M.

(ex-Superior Geral)

Dublin - Irlanda.

Querido Lauro,

Te saludo afectuosamente y al mismo tiempo te agradezco haberme enviado la revista del Colegio San Vicente. ¡Muy buena! *Pe. José Antonio Ubillus Lamadrid, C.M.* (Assistente Geral da Congregação da Missão) Roma - Itália

Très cher Père Palú,

J'ai eu le grand plaisir de recevoir la magnifique revue "a chama" que vous m'avez fait parvenir.

Émile Zarfsian

Thessaloniki - Grécia

Cher Père Palú,

Quel plaisir de recevoir régulièrement de l'autre bout du monde des nouvelles de votre collègue. Je crois profondément qu'un investissement en temps et en amour dans la formation des jeunes reste la voie la plus efficace pour la réalisation de notre objectif videntien.

Christine Peeters

Bruxelas - Bélgica

Dear Father Palú,

A "chama" is a book enjoyed by my Portuguese friends and the pictures certainly give a good insight into the workings of your College. Ralph, my son, who loves surfing, loved it when I gave him a copy of your poem for Christmas.

May I ask your permission to forward your poem "O Surfista" ("a chama", 64) to the junior page of our Catholic newspaper The Southern Cross? Most of our fortunate young folk find time for surfing. As a mother all my three sons were good surfers in their school boy days. If I had had a prayer or poem as you have written I am sure I would have appreciated their effort more fully. It was while I was watching a programme on television on surfing that I thought it would be also good to let the surfers magazine have a copy. Is this worth a try?

I presume you received the book mark I had made of the translating it into English and the reduced copy of the Sugar Loaf Rock. My sons appreciate the angle of the statue. I would not want to do this without your knowledge and agreement.

Patricia Lever

Port Elizabeth

República da África do Sul

os pobres

Domingo. Tarde. Consistório da Matriz.

Luz escassa no adro verde.

Comprida toalha vermelho-vinho
amacia a mesa das deliberações.

Ao derradeiro raio de sol

Bailam corpúsculos no ar.

A Conferência Vicentina
considera a vida dos pobres.

O pai não veio desta vez.

Mandou-me em seu lugar. Sou grande,
já não sou menino estabanado
ao cuidar da vida dos pobres.

Mas que sei da vida dos pobres
senão que vivem sempre, sempre
como a água, a pedra, o costume?

Se São Vicente manda ver
no rosto deles o de Cristo,
o que vejo é a comum pobreza
resignada, consentida,
tão natural como sinal
na pele.

Estendo a mão com gravidade
na hora de contribuir.

Não é meu dinheiro? É meu o gesto.
Não salvo o mundo, mas me salvo.

Carlos Drummond de Andrade



